

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

— conexão —

Literatura

Março/2020

nº 57

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DICAS DE LIVROS
CONTOS, CRÔNICAS
E MUITO MAIS



conheça a poetisa

Luiza Moura

autora de

**A Pequena Flor-de-Lis, o
Beija-Flor e o imenso AmarElo**

**PORQUE AMAMOS
LIVROS**



SUMÁRIO

MARÇO DE 2020

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Especial: Luiza Moura, pág. 05
Dicas de livros, pág. 08
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 10
Cinema e Literatura: "O Dilema da Literatura Cinematográfica", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 11
Artigo científico: Educação a distância on-line na terceira idade no Brasil do século XXI: potencialidades, limitações, desafios e perspectivas, por Marcos Pereira dos Santos; Vander Aparecido Castilho; Marlete Maria Pereira dos Santos e André Barbosa Kuhnen, pág. 16
Artigo: A música do seu coração: eu não sabia que você existia, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 24
Artigo: JackMichel é destaque de capa no novo jornal da União Brasileira de Escritores (UBE), pág. 29
Entrevista com Kleber Rocha Queiroz, pág. 32
Entrevista com Clayton Melo, pág. 34
Conto: "Alexa Risoleta", por Míriam Santiago, pág. 37
Conto: "Melancólica crônica de um alienígena disfarçado em autor de ficção científica", por Roberto Schima, pág. 42
Conto: "Um novo dia para Francisco", por Ademir Pascale, pág. 48
Conto: "Onde o tempo deixou de existir", por Roberto Schima, pág. 51
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 70

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Vander Aparecido Castilho - Marlete Maria Pereira dos Santos e André Barbosa Kuhnen - Raimundo Colares Ribeiro - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - Casa Projetos Editoriais - JackMichel

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

Nossa nova edição destaca a poetisa Luiza Moura e seu livro *A Pequena Flor-de-Lis, o Beija-Flor e o imenso AmarElo*. Confira a entrevista exclusiva que fizemos com ela nas próximas páginas.

Você também poderá conferir novas entrevistas com escritores, contos, dicas de livros, crônicas e muito mais.

“Os espelhos são usados para ver o rosto; a arte para ver a alma.” - George Bernard Shaw

Para saber como participar das nossas próximas edições, clique no link: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**— *visite* —
conexão
LITERATURA**



Ademir Pascale
Editor-chefe

POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS

COMPROMISSO E SERIEDADE

LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL



FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



LUIZA MOURA

Por Ademir Pascale

Luiza Moura de Souza Azevedo é natural de Feira de Santana/BA, Enfermeira, Mestranda em Psicologia e Intervenções em Saúde. Hipnoterapeuta e Psicanalista em Formação. Com cursos de Francês e Inglês avançados e Espanhol intermediário. Compositora e Produtora Fonográfica. Membro da Literarte- Associação Internacional de Escritores e Artistas. Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Doutora Honoris Causa em Literatura através do Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos. Já participou de algumas antologias e tem outras participações confirmadas. Publicou seu livro: “A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo. Instagram: @luiza.moura.ef

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Você é autora do livro “A pequena Flor-de-Lis, o Beija-Flor e o imenso AmarElo”. Poderia comentar?

Luiza Moura: Sim. “A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo” é o

meu primeiro livro infantil, além de ser também o meu primeiro livro solo. Depois de tantas antologias, finalmente surgiu esse livro, com bastante apoio da Cogito Editora de Salvador. Embora tenha sido feito para crianças, ele traz em seu enredo lições que podem interessar a

todas as idades. Dentre elas, a mais importante e, que me permitiu “brincar” com as palavras: amar é elo- AmarElo.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Luiza Moura: Para ser bastante sincera, não demorei muito para escrever esse livro. Essa “brincadeira” com o AmarElo surgiu na minha primeira poesia e desde então me encanta poder falar sobre algo que carrega tanto significado. A ideia de colocar isso também em um livro infantil aconteceu em casa depois de ter escrito um conto infantil para outra antologia e ter agradado tanto as minhas filhas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luiza Moura: “(...) era isso que aquele imenso amarelo de areia dizia mesmo sem dizer: que o amar é elo, amarElo!”

Conexão Literatura: Você é poetisa e tem várias publicações em outros livros e sites. Poderia comentar?

Luiza Moura: No ano de 2018 comecei a me aventurar na escrita de poesias e resolvi mostrar o resultado disso nas redes sociais.

Comecei a receber um feedback positivo das pessoas que me acompanhavam, então comecei a enviar essas poesias para concursos e daí vieram publicações em livros, revistas e outros reconhecimentos bastante importantes e desde então estou escrevendo. Fico até apreensiva em citar alguns e esquecer de



outros. Mas é possível acompanhar semanalmente meu trabalho na Revista Entre Poetas & Poesias.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?

Luiza Moura: O meu livro já está disponível na amazon:
https://www.amazon.com.br/dp/B084BSJ8VJ/ref=cm_sw_r_wa_awdo_t1_sXPmEb68ZSJN7

Para acompanhar mais sobre o meu trabalho é possível através do instagram: @luiza.moura.ef

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luiza Moura: Tenho vários projetos em pauta. Desde que comecei a escrever não consigo mais parar. Entretanto, também posso mencionar que estou coordenando, junto ao Ivan de Almeida, Jornalista e Editor da Cogito Editora, o Projeto “Bardos Baianos”, valorizando escritores do Estado da Bahia.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luiza Moura: Apenas encerro agradecendo pela oportunidade de falar

um pouco mais sobre esse trabalho e convidando as pessoas a experimentar esse universo tão fascinante, não restrito apenas à literatura, mas à arte de forma geral.



Para adquirir o livro “A pequena Flor-de-Lis, o Beija-Flor e o imenso AmarElo”, acesse:

https://www.amazon.com.br/dp/B084BSJ8VJ/ref=cm_sw_r_wa_awdo_t1_sXPmEb68ZSJN7

Luiza Moura está concorrendo ao Prêmio Book Brasil em 3 categorias: Melhor livro infanto-juvenil (A Pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo), Autor revelação (Luiza Moura) e, Autor do ano (Luiza Moura).

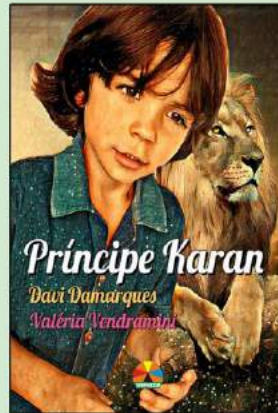
Se puderem, entrem no link também para votar. As votações vão até 21 de Março de 2020, através do link:

https://docs.google.com/forms/d/1yKAh8vuZndOrMMsNtgodPDezX8C3hl_mv4FIBJttHWA/alreadyresponded?fbclid=IwAR1pLw_NaRMgmcezwysUB82RvHbJ2w_aWGliBJRh6yBBsYPlv5hwYTn9rtg&edit_requested=true



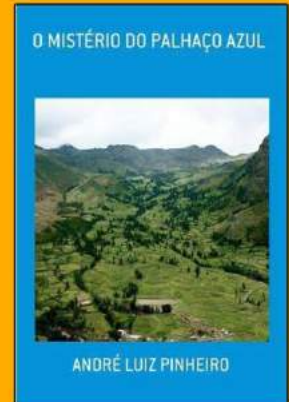
Jogos e Brinquedos Multidisciplinares
Beatriz P. Gimenes

Acesse



Príncipe Karan
Davi Damarques e Valéria Vendramini

Acesse



O mistério do palhaço azul
André Luiz Pinheiro

Acesse



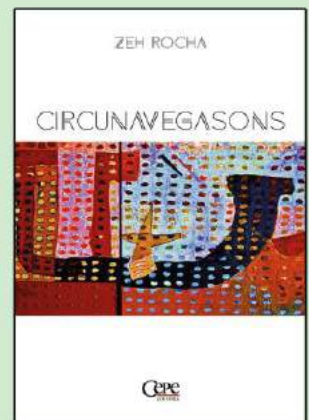
Só você pode curar seu coração quebrado
Jey Leonardo

Acesse



Ainda dá!
Mario Sergio Cortella e Paulo Jebaili

Acesse



Circunavegasons
Zeh Rocha

Acesse

“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.”
– Leonardo Da Vinci

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Vida & Diabetes
Kleber R. Queiroz

Acesse



Insane
K. C. Franquini

Acesse



A jornada do aprendiz
Max Franco

Acesse



Samba de Bateria
Diego Zangado e
Fernando Baggio

Acesse



Anacrônicas
Anderson Novello

Acesse



Canis Majoris
Eduardo Bragança

Acesse

“Temos a arte para não morrer da verdade.”
– Friedrich Nietzsche

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



conexão Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



O DILEMA DA LITERATURA CINEMATOGRAFICA

Por Gilmar Duarte Rocha

Cinema e Literatura

A credito que o prezado confrade e amigo que muito estimo Edmilson Caminha, cinéfilo de carteirinha, já tenha recorrido algo sobre a interação entre Cinema e Literatura em um dos seus brilhantes livros de ensaios e crônicas, e o fez, certamente, com muita propriedade e com a competência que lhe é magnânima.

Certo dia passado, não me lembro quando, acabava de assistir um filme em um desses complexos cinematográficos de Brasília, por sinal, empreendimentos dotados de salas de exibição de excelente qualidade, que praticam preços módicos e que são dotados de ambientes agradabilíssimos.

O filme era “On the road”, com título em inglês apenas, inspirado no livro clássico homônimo do líder do movimento beat americano Jack Kerouac, livro publicado e republicado por diversas editoras brasileiras, acompanhado sempre do subtítulo “Pé na estrada”, que faz uma tradução livre do título, mas que espelha na realidade o espírito e o leitmotiv da história.

O que me chamou à atenção nessa produção e que me deixou intrigado, era que a versão em tela era por demais superficial (mesmo descontando o limite aceitável de 120

minutos para uma produção de cinema) e que a dinâmica ajustada à película rodava dois compassos atrás do original literário.

Não querendo me aprofundar nos detalhes acerca do livro e a respeito do filme, lanço à luz da ribalta um problema recorrente em que versões cinematográficas de livros consagrados ou não; laureados ou não; best-sellers ou não, que é decorrente de vários motivos, contudo, para abreviar, restrinjo-me a dois: o imediatismo de faturar pecúnias e láureas em cima de clássicos e de best-sellers literários e a falta de jogo de cintura do roteirista (ou adaptador) no manejo da arte chamada literatura.



Similares ao caso “On the road” são muitos. Podemos citar exemplos recentes como “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde; de “Drácula”, de Bram Stoker; “Grandes expectativas”, de Charles Dickens; “Orgulho e preconceito”, de Jane Austen; “O grande Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald ou “A letra escarlata”, de Nathaniel Hawthorne. O expectador que leu o livro e buscou ver a materialização dramática da obra que ele apreciou em várias dezenas ou centenas de páginas lidas, saiu da sala de exibição com um misto de sentimento de frustração, de inculcação, de intriga, ou, no mínimo de perda de tempo e de dinheiro. Pelo menos, esse foi o meu caso, pois, como já dizia um conhecido marchand de artes, gosto não se discute e sempre fica a critério do freguês. Ou seja, você pode consumir uma obra mal passada, ao ponto, bem passada ou tostada como carvão. O critério fica ao gosto do cliente.

De volta ao nosso assunto, podemos citar, também, casos de várias tentativas de versão para o cinema de um grande livro, o clássico de “O conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, que já foi vertido diversas vezes, em tempos diferentes, e cada versão ficou uma pior do que a outra, ainda mais quando o expectador é um leitor como eu que já leu a densa obra do escritor francês três vezes, em três períodos distintos de minha vida. Nesse exemplo pode se fazer uma ressalva devido a dinâmica do livro, que apesar de conter uma série de trechos cinematográficos, e a história segue a lógica de uma novela em forma de compêndio, há de se ponderar que o grande mérito do produto do autor de “Os três mosqueteiros” reside no engendramento de fatos históricos, de costumes, de geografia, de geopolítica, apimentado pelos trechos de engenho, tramas e planos de vingança, uma grande miscelânea que fez do livro o quarto livro mais lido de todos os tempos, segundo o blog da editora Saraiva.

Há episódios em que se deveria processar o responsável pela produção, e não o roteirista, como foi o caso de algumas versões irresponsáveis para o cinema do maior clássico da literatura “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”, pois esse livro é bastante peculiar, como bem define o colunista de artes da UOL, Leonardo Rodrigues: “Uma das características definidoras de ‘Dom Quixote’ não está exatamente na história que o livro conta, mas na forma em que ela é contada. Segundo estudiosos da obra, existe um tipo de conexão pessoa entre o texto e o leitor, algo problemático de ser reproduzido via artifícios do audiovisual”.

Existem outros tipos de versões que tiveram enorme êxito na telona, espelhou em parte o conteúdo do livro base, mas o que se questiona aqui não é a qualidade do filme, e sim a propriedade do livro. Peguemos o exemplo de “Quo Vadis?”, obra de Henryk Sienkiewicz. Seria esse livro um folhetim ou um enredo de cinema convertido previamente em livro? Há casos semelhantes a esse, como “E o tempo levou”, de Margaret Mitchell; “O tesouro de Sierra Madre”, de B. Travençolo; “Um estranho no ninho”, de Ken Kesey; “Perdidos na noite”, de James Leo, dentre outros e vários.

A pergunta que corrobora essa assertiva de livro/roteiro: alguém guarda, por acaso, nas preciosas estantes de sua biblioteca particular um exemplar sequer deste tipo de livro?

Uma história interessantíssima que envolve essa relação escritor/roteirista é a da conhecida romancista Patricia Highsmith, a criadora de um dos mais famosos personagens do cinema, Tom Ripley, o famoso anti-herói. A escritora americana, sempre assediada pela indústria do cinema, em virtude do sucesso estrondoso nas telas da sua produção de suspense, mormente na versão francesa “O sol por testemunha”, dirigido pelo talentoso cineasta francês René Clément, tendo o personagem Ripley sido interpretado pelo famoso e competente Alain Delon, passou o resto da vida tendo que recorrer a versões e versões de Tom Ripley (“Ripley embaixo d’água”, “Ripley subterrâneo”, “O garoto que seguiu Ripley, por aí vai).

Para não dizer que não falei das flores e para não me “crucificarem” por achar que livro bom não pode ser vertido em filme, lembro que existem casos excepcionais, poucos, mas excepcionais, com “O leopardo”, grande romance de Lampedusa, levada para o cinema pelo genial diretor Luchino Visconti; “A cor púrpura”, de Alice Walker; “Vidas Amargas”, versão de “A leste do Éden”, de John Steinbeck; também do mesmo

Steinbeck, a conversão do livro “Vinhas da Ira”, estrelada no cinema por Henry Fonda, recebendo prêmio de público e crítica, e “O velho e o mar”, de Ernest Hemingway.

Enfim, minha lembrança é vaga de bons livros que viraram bons filmes. Todavia, espero, de coração, que possamos escrever com mais e mais qualidade, dentro da linha de literatura que se possa converter em película, e que venhamos a ter ótimos filmes; baseados em livros consistentes.

Ah! Não esqueçam o saco de pipoca.



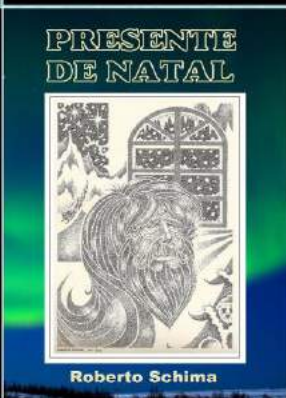
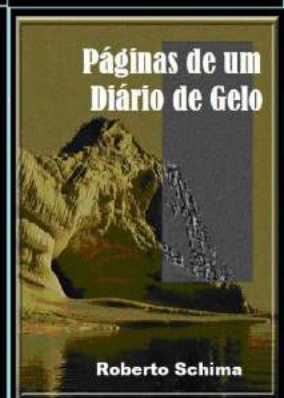
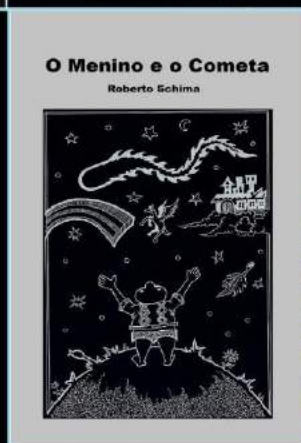
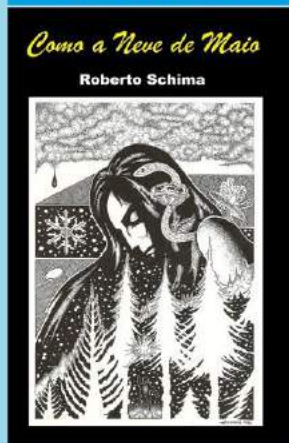
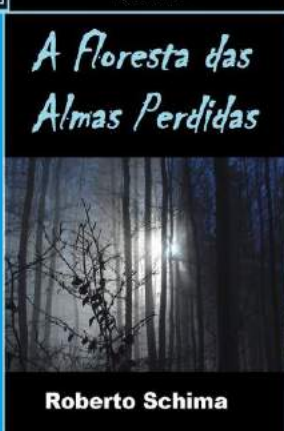
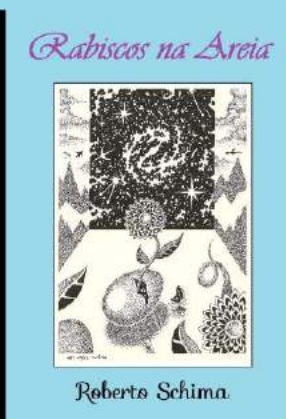
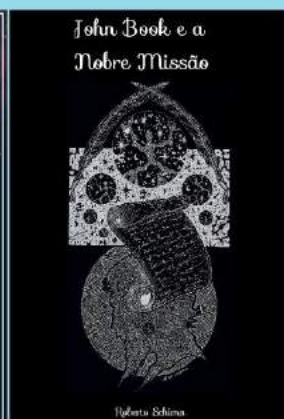
ALGUNS LIVROS ADAPTADOS PARA O CINEMA:

10 Mandamentos (bíblico) – Sucesso de público
Quo Vadis? - Não clássico – Sucesso de público
Ben-Hur – Não clássico – Sucesso de público
E o vento levou – Não clássico – Sucesso de público

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, O berço de Judas, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.

Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - rschima@bol.com.br

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA ON-LINE NA TERCEIRA IDADE NO BRASIL DO SÉCULO XXI: POTENCIALIDADES, LIMITAÇÕES, DESAFIOS E PROSPECTIVAS

Por Marcos Pereira dos Santos; Vander Aparecido Castilho;
Marlete Maria Pereira dos Santos e André Barbosa Kuhnen

Artigo Científico

Educação escolar, (novas) tecnologias midiáticas digitais e terceira idade nos dias atuais: uma trilogia (quase) perfeita!?

Sem a pretensão de ratificar ou refutar, *a priori*, esta assertiva, faz-se mister salientar que o presente artigo acadêmico-científico tem como objetivo principal realizar algumas tessituras crítico-reflexivas sobre as potencialidades, as limitações, os desafios e as perspectivas concernentes à Educação a Distância (EaD) *on-line* no contexto da terceira idade no Brasil contemporâneo, a qual também é denominada “idade gerontológica”, “idade geriátrica”, “idade idosa”, “velhice” (BARBIERI, 2012), “melhor idade” (*idem, ibidem*), “idade antiga”, “idade longínqua”, “idade matusalém”, “idade de ouro” (VARGAS, 2019), dentre muitas outras intitulações identitárias socioculturais; conforme revelam pesquisas científicas desenvolvidas por Rodrigues e Soares (2006) e Silva (2008), à guisa de exemplificação.

É sabido que, com o advento da Informática, Telemática, Cibernética e Robótica, no início da década de 1990, do século XXI, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) e as mídias digitais tecnológicas têm conquistado, paulatinamente,

cada vez mais espaço (virtual/eletrônico) e adeptos(as) – inclusive *geeks* e *nerds* – na sociedade contemporânea.

Sobre esta questão, em específico, vale esclarecer o seguinte:

[...] *geeks* e *nerds* são termos distintos aplicados para tipos de pessoas diferentes. Enquanto os *geeks* podem ser vagamente descritos como *entusiastas, obcecados por coisas legais e modernas*, os *nerds*, por outro lado, são mais *intelectuais e se concentram em adquirir conhecimento profundo em um tema ou área específica*. (ALVES, 2013, p.1; grifos nossos)

Neste sentido, a chamada *Educação a Distância on-line* (doravante *EaD on-line*) vem sendo implantada e implementada, de forma exponencial e deveras acelerada/aligeirada, em todos os setores da atual sociedade de classes, demarcando território próprio, “fincando estacas”, ganhando “voz” e “vez” e ultrapassando barreiras e fronteiras (históricas, geográficas, sociais, culturais, epistemológicas, técnicas e tecnológicas).

Em suma: na era pós-moderna, a *EaD on-line* está virtualmente presente em todos os lugares, espaços, territórios, *habitats*, contextos e hipertextos, trazendo consigo, de modo concomitante, benesses (possibilidades/potencialidades/pontos positivos/vantagens), conseqüências maléficas (limitações/desvantagens/entraves/agruras/aspectos negativos), múltiplos desafios para as pessoas de todas as idades (bebês, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e perspectivas (concepções ideológicas, abordagens educacionais teórico-práticas e soluções futuras), dada a complexidade da “parafernália eletrônica” (BELLEI, 2002) existente em aparelhos tecnológicos tais como: computadores supermodernos, calculadoras de última geração, *notbooks*, *tablets*, *laptops*, *ipads*, *ipods*, *iphones*, *smarthphones*, *drones*, aplicativos (*apps*) digitais, dentre outros dispositivos eletrônicos similares.

Brandão (1981, p.7) afirma que “ninguém escapa da educação” e que esta, por sua vez, cujo vocábulo deriva do latim *educere*, significando extrair, tirar e desenvolver, configura-se como processo vital e contínuo, atividade criadora, que começa nas origens dos seres humanos e se estende até a morte do corpo físico-carnal; podendo ser desenvolvida em diferentes manifestações e níveis e modalidades de ensino na prática educativa escolar e não escolar, seja de modo formal, informal, não formal, presencial, semipresencial/híbrido ou a distância (por correspondência impressa e/ou na versão *on-line*); segundo asseveram Libâneo (1999) e Santos e Santos (2019). Portanto, não temos uma única Educação (Educação unitária), mas “Educações” (BRANDÃO, 1981), devido às suas distintas tipologias, formas de engendramento e aplicações teórico-práticas.

No que tange, em particular, à *EaD on-line*, esta pode ser conceitualmente definida e compreendida como uma modalidade de ensino, na qual, de acordo com o Artigo 80, Parágrafos 1º ao 4º (Incisos I a III), da vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei federal nº 9.394, sancionada pelo Congresso Nacional, no Brasil, em 20 de dezembro de 1996, tem-se que:

Art. 80 – O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de *programas de ensino a distância*, em todos os níveis e modalidades de ensino, e da educação continuada.

§ 1º A *educação a distância*, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a *cursos de educação a distância*.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de *programas de educação a distância* e a autorização para sua implementação caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º A *educação a distância* gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais. (BRASIL, 1996; destaques nossos)

Convém observar, portanto, que, de forma implícita e bastante superficial, a LDBEN/1996 traz a lume a EaD como modalidade de ensino, estilo de aprendizagem e método pedagógico; ora utilizando a expressão “ensino a distância”, ora a terminologia “educação a distância”, o que são teorias e práticas educacionais notadamente distintas entre si, em conformidade com o que apregoa Landim (2007, p.16; realces nossos) quando assim se posiciona:

Ensino a distância: refere-se a cursos cuja *metodologia está centrada no ato de ensinar*, ou seja, *no professor*, com *baixa participação do aluno na construção do conhecimento*. O ensino ocorre por meio de correspondência, rádio ou TV. O aluno recebe um material de estudo com o conteúdo a ser aprendido e realiza avaliações finais para verificar a aprendizagem do que foi apresentado, *sem que haja interações e discussões com o grupo*.

Educação a distância: o aluno *desempenha um papel ativo na construção do conhecimento*, havendo preocupação de proporcionar uma formação de maior abrangência. Nesse tipo de prática, são previstos recursos tecnológicos (como a *internet*, por exemplo) e *orientações metodológicas que incentivem a participação dos alunos e promovam a interatividade*.

Com base em tais assertivas, é possível dizer que a EaD *on-line* no contexto da terceira idade (abrangendo pessoas – homens e mulheres – com idade igual ou superior a sessenta anos), em específico, apresenta em seu bojo potencialidades, limitações e desafios educacionais, de cunho didático-pedagógico e metodológico, que merecem atenção especial pelos(as) governantes, coordenadores(as) pedagógicos(as), pedagogos(as), psicopedagogos(as), neuropsicopedagogos(as), gerontólogos(as) educacionais, andragogos(as) escolares, pesquisadores(as) educacionais, educadores(as), professores(as) e demais profissionais da educação em geral.

Dizemos isto, porque a EaD *on-line* no âmbito da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) “[...] possui meandros, particularidades, singularidades próprias, constructos e obstáculos epistemológicos (entraves à aprendizagem e construção do conhecimento científico) que precisam ser levados em conta no desenvolvimento do processo educativo de ensino-aprendizagem escolar”. (MELO; LIBÂNEO, 2017, p.52)

Esta constatação se deve ao fato de que, de acordo com o entendimento de Scortegagna e Oliveira (2010, p.53),

A Terceira Idade apresenta-se em constante foco de discussões na sociedade brasileira, e atualmente a educação destinada a essa faixa etária volta-se para um âmbito diferenciado, não mais sendo um meio de assistencialismo ou compensação. Os idosos têm direito à educação, previsto no Capítulo V, Artigos 20 a 25, do Estatuto do Idoso (Lei federal nº 10.741/2003).

Santos (2019) postula, enfaticamente, que educar e ensinar jovens, adultos e idosos se configuram como atividades didático-pedagógicas bastante complexas que exigem, de forma redobrada, do(a) educador(a) ensinante muita paciência, dedicação, compromisso, ética profissional, responsabilidade, atenção, resiliência, empatia, altruísmo, sociabilidade, domínio de conteúdo curricular, manejo de classe, dentre inúmeras outras capacidades, habilidades e competências sociais e educacionais.

Nesse contexto, a EaD *on-line* na terceira idade se apresenta, nos dias atuais, envolta de *potencialidades, limitações, desafios* e *prospectivas* que, de modo sumário, podem ser assim caracterizados(as):

*** Potencialidades:** a EaD *on-line* possui a vantagem de diminuir espaços, barreiras e fronteiras histórico-geográficas e socioculturais no que tange à socialização e democratização dos conhecimentos científicos; disciplinar didática e pedagogicamente o(a) estudante a ler e reler textos acadêmico-científicos (obrigatórios, complementares, suplementares e de apoio educacional), estudar e realizar atividades (avaliativas e não avaliativas) no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Aluno (AVA); tornar o tempo de estudos e pesquisas científicas mais flexível, de acordo com as reais necessidades e os interesses dos(as) educandos(as); possibilitar a interação virtual, (quase) em tempo real, entre colegas de estudo e professores(as)-alunos(as) por meio de modernas ferramentas

tecnológicas de informação e comunicação como computadores sofisticados, *laptops*, *notbooks*, *tablets*, *webcam*, *skype*, videoconferências, *chats*, *blogs*, fóruns de discussão, chamadas de vídeo, plataformas digitais de *whatsapp* e postagens em redes sociais (*site*, *orkut*, *blog*, *messenger*, *instagram*, *facebook*, *twitter*, *e-mail* ou correio eletrônico, *fanpage*, etc.); dentre outras.

*** Limitações:** na EaD *on-line* não se tem a interação físico-presencial entre docentes e discentes, dificultando a socialização e o esclarecimento de possíveis dúvidas acerca das leituras (obrigatórias, complementares, suplementares e de apoio educacional) a serem realizadas, dos conteúdos curriculares programáticos trabalhados pelo(a) professor(a)-conteudista e das atividades (avaliativas e não avaliativas) propostas e corrigidas, *a posteriori*, pelo(a) tutor(a) no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); pode ocorrer dificuldades de acesso às tecnologias digitais e de correto manuseio das mesmas; falta de conhecimentos sobre a área de Informática pelo(a) estudante para a utilização dos dispositivos eletrônicos; baixa visão dos(as) estudantes idosos(as), acarretando em entraves às leituras de textos acadêmico-científicos e ao desenvolvimento de atividades (avaliativas e não avaliativas) existentes no AVA; dificuldades quanto ao rompimento de paradigmas educacionais tradicionais-conservadores; etc.

*** Desafios:** ainda são muitos os desafios a serem enfrentados pela EaD *on-line*, a saber: minimizar ou sanar completamente os tabus, mitos e estereótipos que (ainda) gravitam em torno da EaD, tanto em termos de aprendizagem significativa e apropriação dos saberes científicos quanto de confiabilidade, segurança e adequada preparação para o ingresso dos(as) alunos(as) da EaD no (competitivo) mercado de trabalho; melhorar qualitativamente o processo de ensino e aprendizagem da EaD *on-line* em seus aspectos teórico-práticos, didáticos, pedagógicos e metodológicos; romper barreiras, fronteiras e velhos paradigmas educacionais atinentes à EaD; efetuar uma adequada, eficaz e eficiente transposição didática acerca dos conteúdos curriculares programáticos abordados no contexto dos AVAs; e adequar os materiais didáticos digitais (*e-books*, videoaulas gravadas, teleconferências, textos eletrônicos, etc.) às reais demandas do mercado capitalista e aos interesses do alunado virtual.

*** Prospectivas:** universalizar o acesso à EaD *on-line* a todas as pessoas, desde as classes minoritárias até as classes economicamente mais abastadas das populações brasileira e mundial, equiparando a EaD *on-line* com a educação presencial e a educação semipresencial/híbrida em termos de qualidade educacional, ou mesmo superando-as, a fim de que crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos possam realmente se aperceber como sujeitos integrantes e participativos da sociedade tecnológica do novo milênio e dos tempos históricos vindouros; extinguindo, assim, todo e qualquer receio, medo, temor, tabu, mito e estereótipo alusivo à EaD *on-line*.

De fato, a EaD *on-line* é uma realidade inegável no mundo de hoje e, quiçá, nas sociedades futuras. Precisamos, aqui-e-agora, preparar um futuro promissor para todos(as) nós. É necessário, pois, haver pessoas, escolas, faculdades, universidades e sociedades futurantes. (BRAGA; ELLY GENRO; LEITE, 1997)

Afinal de contas, as palavras de ordem de hoje, de amanhã e do porvir são: AÇÃO COLETIVA, CRIAÇÃO IMAGÉTICA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ALDEIA GLOBAL DIGITAL, INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, INDÚSTRIA 4.0 E

DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO MUDIADO PELA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA ON-LINE.

Face ao exposto, almejamos sinceramente que as pessoas pertencentes à categoria da chamada “terceira idade” não fiquem à margem de todo esse processo de crescente e rápida evolução tecnológica, mas sejam sujeitos ativos e partícipes do mundo globalizado e (quase totalmente) digital.

Que todos(as) nós – crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos – possamos lograr grandes êxitos nesse trampolim do mundo real para o mundo virtual!

É o que realmente esperamos, enfim; pois estamos vivendo um processo de exponencial transposição das certezas do passado para as incertezas do futuro.

Portanto, um recado deveras especial para a *terceira idade*: Nada de sazonalidade, procrastinação e autocomiseração!

Mudança!!! Transformação!!!

Avante! Olhos voltados para a “telinha digital” e dedos no teclado do computador e no *mouse*!

“Mãos à obra”!!!

Referências:

ALVES, N. T. **Geek ou nerd?**: descubra as principais diferenças entre eles. Disponível em: <<https://www.canaltech.com.br/entretenimento/geek-ou-nerd?-descubra-as-principais-diferencas-entre-eles>>. Acesso em: 25/06/2013.

BARBIERI, N. A. Velhice: melhor idade? In: **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo: Editora do Centro Universitário São Camilo, v.36, n.1, p.116-119, 2012.

BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BRAGA, A. M.; ELLY GENRO, M.; LEITE, D. B. C. Universidade futurante: inovação entre as certezas do passado e incertezas do futuro. In: LEITE, D. B. C.; MOROSINI, M. (Orgs.). **Universidade futurante: produção do ensino e inovação**. Campinas: Papirus, p.21-37, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

LANDIM, C. M. M. P. F. **Educação a distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MELO, P. S.; LIBÂNEO, J. C. Obstáculos epistemológicos e a formação de conceitos. In: **Revista Vida de Ensino**. Iporá: Editora da FAI, v.3, n.1, p.45-56, set./dez., 2017.

RODRIGUES, L. S.; SOARES, G. A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. In: **Revista Ágora**. Vitória: Editora da UFES, n.4, p.1-29, 2006.

SANTOS, M. P.; SANTOS, A. P. Educação escolar e universitária em estilo híbrido: uma nova modalidade de ensino-aprendizagem *zap* e *app* no Brasil da pós-modernidade. In: **Revista Conexão Literatura**. São Paulo: Editora CN, n.49, p.10-20, jul./2019.

SANTOS, M. P. Educação escolar de jovens, adultos e idosos no Brasil atual: aportes legais, didático-pedagógicos e metodológicos. In: **Revista Conexão Literatura**. São Paulo: Editora CN, n.53, p.21-25, nov./2019.

SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. C. S. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. In: **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo: Editora, v.13, n.1, p.53-72, jun./2010.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. In: **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Oswaldo Cruz, v.15, n.1, p.155-168, jan./mar., 2008.

VARGAS, I. C. S. (Org.). **Longevidade poética**. São Paulo: Editora Sucesso/Grupo Editorial Celeiro de Escritores, 2019. (Coletânea Idade de Ouro: Poesia e Prosa).

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Defensor militante da causa da Educação, da Literatura Brasileira e dos Direitos Humanos. Docente da Educação Superior em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br

Vander Aparecido Castilho – Brasileiro. Natural do município de Campina Grande/PB. Livre estudioso das Ciências da Religião. Defensor militante da causa dos Direitos Humanos. Profissional (autônomo) da área de Logística de Automóveis em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: vandercastilho@hotmail.com

Marlete Maria Pereira dos Santos – Brasileira. Natural do município de Imbituva/PR. Especialista em Auditoria e Perícia Contábil pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Curitiba/PR. Profissional (concursada) da área de Segurança Pública em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: marla.santos@hotmail.com

André Barbosa Kuhnen – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis/SC. Pesquisador em Tecnologias Educacionais. Professor adjunto da Universidade Paulista (UNIP) - São Paulo/SP, onde reside atualmente. E-mail: andrebkunnen@gmail.com

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

**VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL**

**FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

**Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc**

**Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com**



A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO: EU NÃO SABIA QUE VOCÊ EXISTIA

Por Raimundo Colares Ribeiro*

Artigo

Eram pontualmente oito horas da manhã e estávamos no ar pelas ondas sonoras da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Em *begê*, ouvíamos a banda Renato e Seus Blue Caps com a música COMO HÁ DEZ ANOS ATRÁS, cuja composição é de Renato Barros, um dos mais destacados integrantes desse magnífico grupo musical.

Ao término da melodia, a vinheta do programa que a produção havia gravado dias antes entrou em cena: “Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.”

COMO HÁ DEZ ANOS ATRÁS continuava tocando. Confesso que, nesse momento, sentia-me um pouco inquieto, mas, apesar do nervosismo, precisava começar o programa musical.

– Bom dia a todos!!! Eu tenho a gratificante missão de apresentar este programa intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Agradeço, desde já, a sua inestimável companhia. Nos termômetros da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre a temperatura começa a subir. Ouvimos, em fundo musical, COMO HÁ DEZ ANOS ATRÁS com o grupo Renato e Seus Blue Caps. Que todos tenhamos um sábado maravilhoso, com as bênçãos de DEUS!!!

Foi assim que iniciei mais uma prazerosa manhã musical, que também se estendeu por toda a tarde, com o programa dedicado a todos os nossos queridos ouvintes, especialmente aos que nasceram no ano de 1958, inclusive o apresentador. E sabem por quê? Porque os nascidos em 1958, no decorrer desse ano de 1983, comemorávamos 25 anos de vida.

– A nossa eterna gratidão a DEUS, Criador do Universo e nosso Pai Eterno, bom e amoroso, por mais um ano incrível, repleto de bênçãos, vitórias e sonhos realizados. Obrigado, SENHOR!!!

O sábado estava ensolarado, sem prenúncio de chuva. Fogos de artifícios já podiam ser vistos e ouvidos em todos os recantos da Corte do Solimões. Entusiasmada, a cidade aguardava essa programação especial denominada A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, com horário de exibição autorizado a se estender além das costumeiras quatro horas de duração, contando com o patrocínio da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.

No ensejo, esclareci que a denominação Corte do Solimões encontrava-se citada no livro “Viagens pelo Brasil”, de autoria dos sábios alemães Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius, que estiveram em Tefé, em novembro de 1819. Na época, a Vila contava com uma população aproximada de 600 habitantes, que moravam em casas de um pavimento só, com venezianas de madeira às janelas em vez de vidraças.

– Agora são exatos oito horas e dez minutos. Em minhas mãos, datilografada em papel almaço, a lista com dezenas de grandes e inesquecíveis sucessos da música popular brasileira, somadas a outras dezenas de memoráveis canções internacionais, que desfilarão ao longo deste programa, sem hora para terminar. Além de todos esses sucessos que jamais serão esquecidos, recordaremos, em fundo musical, melodias que, da mesma forma e intensidade, fazem parte da nossa linda juventude.

Transcorria o dia 31 de dezembro de 1983, dia de Santa Catarina Labouré e de São Silvestre. À noite, na virada do ano, aconteceria, na Cidade de São Paulo, a famosa Corrida Internacional de São Silvestre. Estávamos, portanto, em contagem regressiva para a chegada do Ano Novo, com início a zero hora de domingo, 1.º de janeiro de 1984.

Lembrei aos ouvintes que as canções haviam sido listadas em ordem de sorteio, realizado no dia anterior, à tarde, na presença de alguns participantes, e, por conseguinte, a música de preferência de cada um deles poderia ser tanto a primeira quanto a última. Mas, valeria a pena acompanhá-las porque todas elas estouraram nas rádios do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste do nosso Brasil. Assinalei, ainda, que a maioria dessas músicas recebeu a chancela de campeã de vendagem de discos, por suas respectivas gravadoras.

– Vamos deixar bem claro: a música que ouviremos em seguida, por exemplo, gravada por Leno e Lilian, tocou muito nas rádios do Brasil. E continua tocando. A sua letra diz tudo o que um coração apaixonado pretende dizer ao seu grande amor. A composição é de Toni e Renato Barros. Acompanhemos o recado musical: “Quando eu te conheci, meu bem, não acreditei. Você era a garota que eu sonhei. Seus olhos lindos, sempre olhando nos meus. Olhei pro céu e, até meu bem, dei graças a DEUS por ter, enfim, encontrado o amor que eu sempre esperei, com todo ardor. Jamais imaginei, meu bem, te ver algum dia. Eu não sabia que você existia...” Intitulada EU NÃO SABIA QUE VOCÊ EXISTIA, ofereço essa canção, com carinho especial, ao grande amor da minha vida, que se encontra aqui, conosco, nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Amigo sonoplasta, por favor, solta o som!!!

Como das outras vezes, eu também estava na condição de sonoplasta. Operava uma eletrola moderna JVC Nivico Deluxe, alta fidelidade, stereo, que contemplava toca disco, gravador, toca fita e rádio, além de potentes quatro alto-falantes. Coloquei o disco pra tocar. Após a execução total da música, deixei-a, novamente, em fundo musical.

– Continua tocando EU NÃO SABIA QUE VOCÊ EXISTIA com Leno e Lilian, sucesso inquestionável da Jovem Guarda. Posicionando-se, ao meu lado direito, a minha namoradinha querida, Kátia, 19 aninhos, olhos esverdeados, sorriso encantador, o grande amor da minha vida, como há pouco confessei, que assume a função de assistente de locução, dividindo, dessa forma, a apresentação deste programa. É claro que a atuação e colaboração da “gatinha” vai aliviar o trabalho deste locutor. Além do mais, contribuirá para que eu exerça a função com muito mais apreço e dedicação. Vocês que estão aqui nos nossos estúdios olhem bem para mim e respondam, com sinceridade, se dá para notar que estou extremamente feliz? Respostas afirmativas?! Pois é, isso também não posso negar: estou felicíssimo!!! Obrigado, SENHOR!!!

Em *begê*, EU NÃO SABIA QUE VOCÊ EXISTIA prosseguia animando a manhã musical.

– Esta é a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, instalada no andar superior da Organização Comercial Agá-Erre, na Rua Olavo Bilac, n.º 189, esquina com a Travessa Bom Jesus, a dez passos do Mercado Municipal e a cinco do Grupo Escolar Eduardo Ribeiro, no coração da nossa belíssima Tefé. Daqui a instantes, começam a desfilarem os maiores sucessos nacionais e internacionais. Imagino todos ouvindo essa seleção

maravilhosa e relembrando momentos de grande emoção. Aguardem!!! Faremos, agora, uma pequena pausa, para os recados dos nossos prestigiados anunciantes. Ao retornarmos, brindaremos a todos com o bloco musical de abertura e de agradecimento a DEUS, elaborado com esmero pela nossa produção, ok?



Locutor e assistente de locução, na adolescência



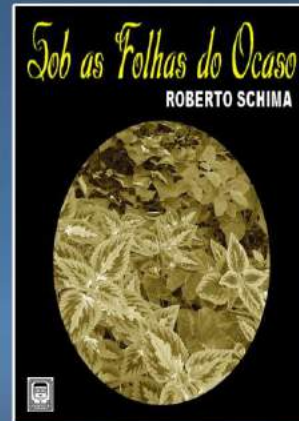
**Raimundo Colares Ribeiro é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.*

Veja o livro na Amazon:

<https://www.amazon.com.br/M%C3%BAsica-do-Seu-Cora%C3%A7%C3%A3o-ebook/dp/B082H864V4>

Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

— PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES



NASCE A NOVA UBE EM MEIO A UM CENÁRIO DE LUTAS COTIDIANAS PELA DEMOCRACIA - EDITORIAL



ESCRITORA 2 EM 1: CONHEÇAM A TRAJETÓRIA DA ASSOCIADA JACKMICHEL



IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO RECEBE O PRÊMIO JUCA PATO DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES EM SÃO PAULO

JACKMICHEL É DESTAQUE DE CAPA NO NOVO JORNAL DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES (UBE)

Artigo

A Escritora 2 em 1 (como é conhecida) ou o primeiro grupo da literatura formado por duas escritoras Jaqueline e Micheline Ramos, foi destaque na capa do novo Jornal UBE N° 144 - Fev/2020, que saiu com a manchete Conheçam a trajetória da associada JackMichel.

A União Brasileira de Escritores é uma sociedade fundada a 17 de janeiro de 1958 com a fusão da seção paulista da Associação Brasileira de Escritores e da Sociedade Paulista de Escritores. Sucedeu à Sociedade dos Escritores Brasileiros, primeira associação profissional de escritores, fundada em 14 de março de 1942 por Mário de Andrade e Sérgio Milliet.

JackMichel ao longo de sua jovem carreira de apenas 5 anos possui 13 obras fundamentais publicadas por editoras nacionais e internacionais e seu acervo digital conta com vídeos multimodais entre booktrailers, entrevistas e resenhas.

Autora de frases taxativas na literatura brasileira moderna dos anos 2000, como “Escritor não é vagabundo” e “Escrever é viver”, JackMichel filiou-se à UBE no ano de 2017 e desde lá vem participando assiduamente das atividades desta que é a mais antiga associação de escritores do Brasil e uma das mais importantes referências para os escritores brasileiros.

O jornal está publicado no issue e para lê-lo na íntegra acesse:

https://issuu.com/sergio0186/docs/jornal_ube_144_final



carteira ube 2017 Jack



carteira ube 2017 Michel



carteira ube 2020 Jack



carteira ube 2020 Michel

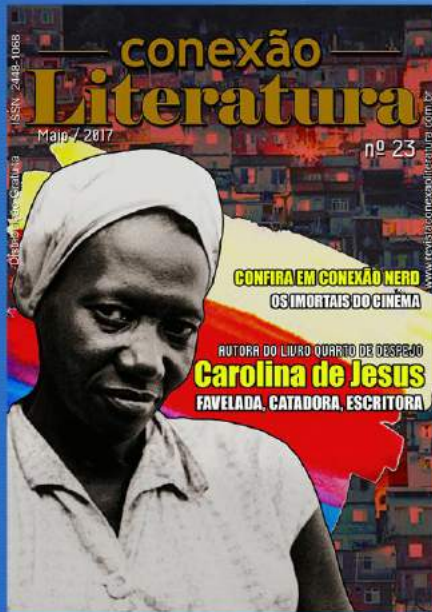
Biografia:

JackMichel é o primeiro grupo da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline e Micheline Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado visto que têm livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Publicações: Arco-Jesus-Íris (Chiado Editora), LSD Lua, 1 Anjo MacDermot, Sorvete de Pizza Mentolado x Torpedo Tomate, Ovo e Fadastafadasbumplel (Drago Editorial), Sixties e Tim O Menino do Mundo de Lata (Helvetia Edições), Anotações Da Lagarta Papinha, O Príncipe Milho e Fabulário JackMichel (Editora Leia Livros), Papatiparapapá e Lobistratusdilapirulobis (Editora Illuminare). É associada em A.C.I.M.A (Associazione Culturale Internazionale Mandala), LITERARTE (Associação Internacional de Escritores e Artistas), AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura), UBE (União Brasileira de Escritores) e Movimento Poetas del Mundo. Seus contos e poemas constam em antologias internacionais bilíngues. Também foi destaque em diversos jornais e revistas de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Recebeu Menção Honrosa no Concurso da Coletânea Literária Internacional em Prosa & Verso “Conexão México” – Sem Fronteiras pelo Mundo... Conectando Mentés & Cultura ACIMA de Tudo!”, no Prêmio de Excelência Literária “Troféu Corujão das Letras” e no II Concurso Cultive de Literatura “Prix Cultive de Littérature”. Conquistou o Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros IV, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura “Prix ALALS de Littérature” e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é “A Escritora 2 Em 1.

Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 Em 1

<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

ENTREVISTA COM

KLEBER ROCHA QUEIROZ

Kleber Rocha Queiroz, 52 anos, já foi engenheiro, professor e hoje é médico e pós-graduando em área de UTI. Casado, compartilha o tempo entre trabalhar, estudar, praticar esportes, atividades de lazer e viagens com a família. Diabético há mais de 30 anos, teve muita dificuldade no início quando os recursos terapêuticos eram mais escassos, mas conseguiu superar e hoje convive bem com a doença, a ponto de ter conseguido até hoje manter-se sem complicações crônicas.



Por Ademir Pascale

Entrevista

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Vida & Diabetes - Cinco passos para viver bem com Diabetes”. Poderia comentar?

Kleber Rocha Queiroz: Sim. Trata-se da realização de um sonho antigo de dividir com as pessoas um pouco da experiência que acumulei durante anos convivendo com a doença de uma forma feliz e produtiva.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Kleber Rocha Queiroz: Como fiz graduação em medicina quando já era diabético, então o estudo sobre a doença foi se complementando ao longo dos anos. Trata-se de um livro sobre como lidar com a doença, e isso faz parte da minha vida há mais de três décadas. Especificamente sobre essa publicação me dediquei por oito meses.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro “Vida & Diabetes - Cinco passos para viver bem com Diabetes” especialmente para os nossos leitores?

Kleber Rocha Queiroz: Sim, existe um capítulo que fala sobre a alimentação. Importante saber que o diabético também precisa de carboidratos, não há como viver sem eles. O trecho do início do capítulo diz com essas palavras:

“Ter uma alimentação adequada é um dos grandes passos para o sucesso do tratamento do diabetes. Muitas complicações ocorrem justamente por erros alimentares. Fazer uma alimentação adequada previne não só o diabetes e suas complicações como também outras doenças, a exemplo da obesidade e problemas cardíacos”. Continua depois o capítulo explicando sobre alimentação saudável e balanceada. Em nenhum momento se fala em comer pouco. O que é discutido é sobre comer bem.

Conexão Literatura: Qual a importância do seu livro para quem é ou não é diabético?

Kleber Rocha Queiroz: Tanto para o diabético quanto para quem não é mas tem um parente ou um ente próximo diabético, ou simplesmente porque se interessa pelo assunto, esse é um livro que mostra uma forma simples e executável de fazer um bom controle da doença.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro?

Kleber Rocha Queiroz: Ele está disponível nas lojas da Amazon. No Brasil amazon.com.br. No site é só procurar por “vida e diabetes”. O link completo é: https://www.amazon.com.br/dp/B084RNQBXXQ/ref=sr_1_2?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=vida+e+diabetes&qid=1581623833&sr=8-2

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Kleber Rocha Queiroz: Sim, já estão em andamento dois projetos voltados para diabéticos. Um que ensina como fazer injeções de insulina porque, apesar de não parecer, a técnica é complexa, e sem uma boa técnica podem ocorrer problemas nos locais de aplicação e na absorção da insulina, comprometendo o tratamento. O outro é sobre como cuidar dos pés.



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Kleber Rocha Queiroz: Hoje a estimativa é de que exista mais de 13 milhões de diabéticos no Brasil, sendo

que boa parte nem sabe que tem a doença. Saber como prevenir a doença ou como lidar com ela é uma situação que deve fazer parte do dia-a-dia da maioria das famílias brasileiras. Trata-se de um problema de saúde pública, e já existem grandes programas governamentais voltados para esse assunto. Convido você a ser mais um nessa batalha.

Para adquirir o livro, acesse: <https://www.amazon.com.br/dp/B084RNQBXXQ>

ENTREVISTA COM

CLAYTON MELO

Autor do livro de ficção científica "Helifort Sky e a Esfera do Poder"



Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com

Crédito foto: Erick Ravane

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Clayton Melo: Eu nunca pensei em ser escritor de obras literárias. Sou escritor de artigos científicos, com linguagem acadêmica. Mas quando estava enlouquecendo com minha Tese de Doutorado em Ciências Contábeis, uma história de ficção científica/fantasia saltou a minha mente. Todas as noites essa história me perturbava, me causando insônias. Quando terminei meu doutorado decidi que deveria escrever a história. Não para ficar famoso ou coisa do tipo, mas para dormir em paz. A impressão que eu tinha era que essa história e os personagens precisavam/desejavam sair da minha mente. Percebi que não dava para guardar só para mim.

Conexão Literatura: Você é autor do livro de ficção científica "Helifort Sky e a Esfera do Poder". Poderia comentar sobre a história?

Clayton Melo: Helifort Sky e o Mistério da Esfera do Poder conta a história de um adolescente de um planeta distante e milhares de anos mais desenvolvido que a Terra. Como de costume em Adromenda, os adolescentes fazem um intercâmbio interplanetário na Terra, se dividindo em

diversas escolas do planeta, com o intuito de observar a cultura e tradições dos humanos, além de realizar pesquisas em diversas áreas. O intercâmbio interplanetário é o mais esperado evento dos adolescentes adromendanos e fonte de grande excitação. Porém este não será um intercâmbio comum. Durante sua jornada, Helifort descobre segredos maiores do que ele poderia imaginar, que poderão mudar de vez a vida de todos os terráqueos. Um plano de extermínio dos humanos e colonização da Terra está em ação e não restou ninguém mais além do

franzino Helifort e seus amigos desajustados para evitar tal ataque. A história Helifort Sky e a Esfera do Poder apresenta uma nova perspectiva, de um mundo com tecnologia avançada para os padrões humanos, e de aventuras além da imaginação.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Clayton Melo: A primeira versão foi escrita em uma semana. A história completa já estava em minha mente há um tempo. Mas foram necessárias muitas alterações e revisões. Ao todo, uns 3 anos de atualizações.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Clayton Melo: É muito difícil escolher. Tem muitas partes especiais, mas vou citar algumas, como o treinamento que os adromendanos têm em sua escola para aprender a lidar com os humanos sem causar nenhum desastre. Devido a possuírem cerca de 5 vezes a força de um humano, um simples aperto de mão ou um tapinha nas costas pode provocar graves fraturas.

Na escola eles treinam como controlar a força em apertos de mãos, abraços, corridas e saltos. Aprendem a usar nossos computadores e smartphones (ridículos para eles). E são instruídos a demonstrar dificuldade nos assuntos ministrados em nossas salas de aula na Terra.

Além disso, gosto muito das partes relacionadas à alta tecnologia que possuem, como os Tutores, assistentes virtuais individuais com forma física projetada que os auxiliam em todas as tarefas e os protegem, inclusive fisicamente. As armas da natureza, capazes de causar tsunamis, terremotos, furacões e tempestades; ou ferramentas mais simples, como as que auxiliam os professores a escreverem livros sem ditar uma frase sequer. Ele apenas pensa no assunto e o seu tutor escreve, com base em seu histórico e leitura do seu protegido.

Conexão Literatura: Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?

Clayton Melo: Ser consciente de que existe uma técnica e ciência por trás de tudo. Se nunca escreveu um livro, vai precisar de ajuda. Como escrever, como atrair a atenção do leitor, melhorar a escrita, os personagens, enredo, etc. Mesmo quem já escreveu, precisa de ajuda com revisões. Aos escritores iniciantes recomendo pesquisar e estudar a arte da escrita antes de começar.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Clayton Melo: Uma boa dica é me seguir pelas redes sociais, instagram: @escritorclaytonmelo e facebook: Clayton Melo; seguir e acompanhar a CASA Projetos Literários e ficar de olho no lançamento da obra que será em breve.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Clayton Melo: Sim. Primeiro a sequência da

História com o livro 2 da série, e assim por diante. Tenho também outras ideias para boas histórias, mas no momento estou focado apenas na continuação do livro.

Perguntas rápidas:

Um livro: O senhor dos anéis

Um (a) autor (a): J. K. Rowling

Um ator ou atriz: Tom Hanks

Um filme: Os Miseráveis

Um dia especial: Tenho três. O dia do meu casamento, e os de nascimento dos meus dois tesouros, meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Clayton Melo: Gostaria de comentar sobre o poder transformador dos livros e da leitura. Os livros possuem conhecimento, ou fantasia, causando satisfação e sabedoria ao leitor. Os benefícios da leitura são extensos. Um bom escritor antes de tudo é um bom leitor. A leitura nos transforma sempre em alguém melhor, mais criativo e

mais sábio. Por conta disso, sempre procuramos, eu e minha esposa Magaly, estimular nossos filhos a lerem. O Davi, que tem um ano e meio, já adora os livros infantis. Ele sempre vem com um livro na mão procurando um adulto para compartilhar. Sem exagero, posso dizer que os livros estão entre os seus brinquedos favoritos. Mas isso não aconteceu à toa. Desde cedo ele nos vê lendo livros e isso causou nele esta admiração. Acredito que é o que deveria ser feito em todos os lares.





Conto

Semana tumultuada nas gravações do Canal Entrevistas e bate-papo do YouTube e tudo isso porque uma das pessoas mais seguidas do Brasil, Alexa Risoleta, marcou presença para participar do programa. A digital influencer viu sua “fama estourar” nas redes sociais de um dia para noite após o tema ser explorado na última novela das nove da Rede Globo, que abordou o assunto por meio da personagem “Vivi Guedes”.

Quando Alexa enviou o “Sim”, os seguidores de seu Instagram e blog de moda não pararam de questionar sobre a

data, o dia em que ela apareceria nesse programa que aborda moda, costumes e relacionamentos, entre outras coisas.

E no feriado de Carnaval deste ano o Entrevistas e bate-papo de Flavinho Conde recebeu a bela Influencer, esplêndida como sempre!

— Tenho a honra de conversar com a Alexa, que hoje está aqui no Canal para falar de um assunto que ela domina e que vem crescendo cada vez mais. E vamos iniciando com o seu próprio look, esse macacão chiquérrimo que você está usando, conte-nos um pouco sobre os detalhes do figurino.

— Boa tarde Flavinho e meus queridos amigos por todo o Brasil. Sim, esse macacão é um modelo com “recortes”, ou seja, tipo que tem aberturas laterais para brincar com o lado sensual e mostrar um pouco mais de pele, mas o “recorte” poderia ser também com um decote ou fendas nas pernas. Então, minha gente, este tipo de macacão é perfeito para festas à noite ou ocasiões em que você precise investir em um look mais arrumado, por isso o escolhi para esta ocasião, explica Alexa, que em pé mostrou detalhes da peça na cor azul, combinando com bolsa e sapato no tom.

— Outra coisa — explicava ela — que está super na moda e parece que veio para ficar são os looks monocromáticos coloridos que rendem composições sofisticadas e fantásticas como este que estou usando.

— Ok querida, você sempre muito bem vestida e lançando suas dicas, brindava Flavinho feliz pela audiência do programa com a presença da deusa.

O bate-papo prosseguia as mil maravilhas, pois Alexa é muito influente e com jeito todo especial de passar as informações e mensagens ao público.

E de repente Flavinho recebe a participação de uma fã que questiona sobre um assunto que não estava em pauta.

— Olá Alexa, meu nome é Tânia, sou sua seguidora e adoro suas dicas.

— Oi Tânia, responde a deusa — sempre simpática — a que devo a honra?

— Sei que você é muito inteligente e conhece de tudo um pouco. Venho sofrendo bullying na escola pelo modo de me vestir, foi aí que comecei a segui-la e a consultar seu blog, mas mesmo melhorando nas opções, até comprei e modifiquei muito minhas roupas, não adianta e sou motivo de chacota.

— Minha querida, diz Flavinho, Alexa está aqui para conversar conosco sobre moda e não este tipo de assunto, corta a conversa o apresentador.

— Não desligue, retruca Alexa, eu compreendo perfeitamente, sei muito bem todo o seu sofrimento que tem a ver sobre o nosso assunto aqui hoje sim. Qual é sua idade e há quanto tempo vem sofrendo com isso, pergunta a digital influencer.

— Eu tenho 15 anos e sou perseguida há muitos anos, estou cansada de ser atacada, apontada e ser o alvo de risadas. É muito doloroso para mim e já pensei em tantas coisas, até suicídio, responde a jovem, que diz estudar em escola pública.

Flavinho tenta interromper novamente, mas Alexa se sobrepõe, não dando chance ao apresentador.

— Tânia, compreendo você, pois um em cada três jovens em 30 países diz ter sido vítima de bullying online, com um em cada cinco relatando ter abandonado a escola por conta do cyberbullying, tudo isso segundo pesquisa feita pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). E digo mais, esse estudo também mostra

que 78% das vítimas sofrem com problemas de ansiedade, enquanto 56% não conseguem dormir. Esse é um assunto que estou sempre me atualizando.

— Exatamente, diz Tânia, eu mesma nunca mais consegui dormir direito tendo inclusive, muita insônia. Mas como você conhece tão bem sobre isso?

— É porque eu sofri desse mal durante anos. Na infância e início da adolescência estava muito acima do peso e não conseguia usar roupas legais, pois não sobrava muita coisa e nada ficava bem. Explica Alexa, deixando Flavinho boquiaberto, que logo monitora o programa, que começava a subir a audiência.

— Eu vivia com os olhos inchados de tanto chorar, continua Alexa explicando seu martírio à fã. Em casa não me levavam a sério, meus pais não entendiam nada sobre esse assunto e diziam que eu era preguiçosa, que não gostava de estudar e ainda mais, falavam que era bobeira que no tempo em que estudavam sempre tinham os colegas piadistas, achando tudo normal. E antes de chegar ao fundo do poço tive ajuda de uma professora, pois é muito complicado para as escolas e mestres essa situação, já que eles têm o colégio inteiro a tomar conta, esse problema tem que ser visto por ambos: escola e pais para que em conjunto consigam contornar a situação. E assim essa professora me deu

conselhos e repreendeu muitas crianças que riam de mim.

— E seguindo os conselhos da professora — continuava Alexa — aos poucos fui conseguindo dormir não tendo mais pesadelos e deixando de lado imagens horripilantes de alunos me empurrando. Então meu ego começou a subir a tal ponto que fiz um regime radical, perdendo quase 30 quilos. Fiquei até magra demais, mas foi assim que consegui retomar meus sentimentos, enxergar a mim mesma, consegui comprar roupas para meu tamanho, enfim, minha vida mudou da “água para o vinho”, eu mesma não me reconhecia, arrumei emprego e todo salário eu investi em meu visual, já que tinha 18 anos na época. Foram anos perdidos em sofrimento, mas consegui me erguer e daí avançando cada vez mais em busca da felicidade e de me afirmar e conquistar meu espaço. Olhando para mim ninguém imagina quanto sofrimento já passei, não é mesmo?

— Sim, responde Tânia com voz chorosa, você me ajudou muito contando seu relato.

— Procure ajuda, para conseguir sair dessas crises, pois você tem toda uma vida pela frente.

E Flavinho, que nunca imaginara aquela mulher deslumbrante e com milhões de seguidores pudesse relatar um passado com um dos problemas que mais aflige crianças e adolescentes do mundo inteiro. Flavinho termina o programa dizendo que nunca recebeu tantas

contribuições e audiência, agradecendo a presença da Alexa e do relato da Tânia.

A história aborda personagens e programa fictícios, mas infelizmente o

mal causado pelo bullying é real e pode provocar danos irreparáveis, dependendo do estado psicológico de cada pessoa, por isso, diga NÃO AO BULLYING E SIM AO RESPEITO!

Bullying:

Um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de bullying – atos de intimidação e violência física ou psicológica, geralmente em ambiente escolar. O dado foi divulgado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015.

A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o bullying como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

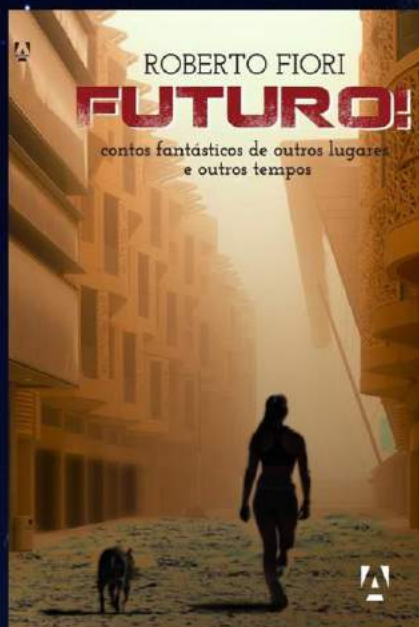
Em abril do ano passado, a Unicef, SaferNet, Facebook e Instagram se uniram e lançaram campanha contra o bullying nas redes sociais: "Acabar com o bullying é da minha conta".

Faça parte e ajude a salvar vidas!

Pesquisa: site do Ministério da Educação, H- Hoje em Dia e Revista Escola

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.


Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



MELANCÓLICA CRÔNICA DE UM ALIENÍGENA DISFARÇADO EM AUTOR DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Por Roberto Schima

Conto

Preparem-se as cortinas!
Desde o princípio,
temíamos assustá-los.

No fluir das eras e em nossas raras aparições, essas desengonçadas criaturas transformaram-nos em monstros devoradores de criancinhas ou alçaram-nos ao privilegiado panteão dos deuses. Certamente, um reflexo de sua própria natureza conflituosa, temperada de contradições.

A bravura ao lado da covardia.

A bondade ao lado da crueldade.

A nobreza ao lado da vulgaridade.

A honestidade ao lado da cafajestice.

Nossas relações sempre foram pautadas pela incerteza. Chegamos

mesmo a duvidar se valeria a pena e, francamente, há momentos que continuo a questionar-me sobre isso. Por vezes, eu próprio senti vontade de fazer descer o machado do carrasco que fazíamos pairar sobre as suas cabeças.

De tempos em tempos, surgiram jóias excepcionais em seu meio, destacando-se em uma praia recheada de pedregulhos sem valor, todavia, eram exatamente isso: exceções. E, como eles costumavam afirmar, "uma andorinha só não faz verão".

Entretanto, é graças a essas pequenas pedras preciosas que sua existência, enquanto espécie, continua.

E pensar que a humanidade chegou a assassinar alguns...

... Ah, o machado... Dêem-me o machado!

De minha parte, reprimi a repulsa e disfarcei-me de humano para melhor estudá-los.

Assumi a identidade de um autor de ficção científica para, através dos textos, familiarizá-los com a existência de outros seres, outras tecnologias, outras perspectivas, vivendo em outros planetas, em outras realidades, outros tempos e, até em seu próprio lar: a Terra, fosse em retiros isolados como nas profundezas marinhas ou no cimo das mais elevadas e tempestuosas cordilheiras. E, inclusive, entre eles, lado a lado — conforme eu fazia —, em um clube de ficção científica, na fila do supermercado, caminhando pelas ruas, frequentando uma academia sem que dessem conta disso.

Sim, estávamos por toda parte, e, às vezes, dentro de seus lares sob diferentes formas.

Será que alguma vez se perguntaram do porquê seu cãozinho de estimação ser tão inteligente?

Ou porque razão o gatinho da família fora flagrado pisoteando a tecla *Enter* do computador?

E o peixinho dourado, não encarava a todos como se compreendesse o que falavam?

O que dizer do vizinho recém-admitido ao círculo mais próximo cujo passado é uma incógnita?

Sim, sim... em toda parte. Até no interior do *laptop*, respondendo a uma solicitação de amizade...

No meu caso, tacharam-me de um termo pejorativo: *nerd*, embora aqui nesta porção territorial a qual deram o nome de Brasil alguns — minoria é verdade —

optassem por uma corruptela pior ainda: “merd”. Bem sei quem a merece...

Outros como eu fizeram o mesmo, e tiveram mais êxito em outras dessas divisões tribais chamadas nações: criaram roteiros para o cinema, deram palestras em universidades sobre exobiologia, lecionaram astronomia, escreveram livros científicos, desenvolveram projetos de busca por vida inteligente através de radiotelescópios ou enviando sondas e telescópios espaciais para a descoberta de mundos em outros sistemas solares. Um de meus colegas até mostrou nosso próprio planeta! Nessa ocasião, fiquei todo arrepiado, todavia, como os humanos haveriam de saber? E quando — ou se — conseguiriam lá chegar? Boa parte continuava a confiar em horóscopo, temer fantasmas, frequentar benzedeiros e, um segmento, até retrocedera ao ponto da crença na Terra plana! Posso vislumbrar Aristarco¹ e Eratóstenes² revirando em seus túmulos.

Pensam em colonizar o espaço para fugir à degradação da Terra, mas mostram-se incapazes de consertar e preservar o próprio planeta a cuja degradação deram causa.

Aguardam por um milagre vindo dos céus que resolva todos os seus problemas num passe de mágica — sim, ainda crêem em magia —, ignorando serem, eles próprios a mente e as mãos desse milagre.

Preferem matar seu semelhante, ainda que isso represente o seu próprio fim.

Optam por cruzar os braços em vez de suar.

¹ Aristarco de Samos (310 a.C. - 230 a.C.), astrônomo e matemático grego. Primeiro a propor um sistema heliocêntrico.

² Eratóstenes de Cirene (276 a.C. - 194 a.C.), matemático, bibliotecário, astrônomo grego. Mediu a circunferência da Terra.

Como eu disse, são seres bastante contraditórios. Um incompreensível amálgama de raciocínio e imbecilidade.

Fizemos de tudo para dizer que existimos, que a esperança de um futuro promissor é possível, que poderiam ter sucesso onde os dinossauros falharam, que acompanhamos a vida neste planeta bem antes que essa vida existisse.

Tudo para prepará-los para o derradeiro — e verdadeiro — momento: a nossa completa e real revelação perante a humanidade.

O grande contato imediato do terceiro grau. (Satisfeito, Hynek³?)

E evitar o maior dos choques culturais.

Afinal, nós não somos deuses...

... nem monstros...

... Não obstante a tendência dos últimos filmes mostrarem os alienígenas como os grandes vilões da história — na verdade, mais um reflexo da natureza humana. (Meus colegas garantem que não foram obras deles!)

De toda essa mixórdia, ao menos no plano das idéias, suposições, fantasias e — malgrado seja — piadas, aceitaram-nos. Passaram a inventar suas mitologias, histórias e filmes. Os efeitos especiais no cinema que, a princípio espantavam, hoje não causam surpresa. Continuam a melhorar tecnicamente, na mesma medida em que bons roteiros e atores de fato desaparecem. Jovens cientistas, impulsionados pelas idéias exibidas, tornaram realidade algumas delas e inventaram outras que ninguém havia cogitado. Estamparam supostos alienígenas em capas de revista, canecas e camisetas. Fizeram brinquedos e chaveiros. Criaram jogos. Postaram *fakes*

na *Internet*. Até os *Carpenters* nos convidaram⁴!

We are your friends...

... Me engana que eu gosto!

Sentimo-nos felizes como pais observando seus filhos caminharem sobre os próprios pés.

Alguns de nós nem tanto, julgando seus avanços temerários, posto que não acompanhados proporcionalmente por um desenvolvimento ético, moral e intelectual.

Estou entre estes, confesso.

Sempre a contradição... e o machado.

Tudo dependerá deles, e não de um milagre.

O mundo mudou e tem mudado aceleradamente.

Até eu, há tantos séculos aqui, sinto dificuldade em acompanhá-lo.

Nem tudo é positivo, nem tudo são flores. Há muitos erros por corrigir, todavia, quem já não os cometeu? Nós é que não fugimos à regra... Não enviamos o Dilúvio por acaso.

A humanidade, em tese, está preparada.

Não obstante...

Agora, pessoalmente, sendo que o temor cedeu lugar a um certo receio: o receio de desapontar.

Desilusão deles.

Desilusão nossa.

Artigos, livros, músicas, filmes, páginas na *Internet*, retratam extraterrestres de uma maneira que nunca fomos nem jamais seremos.

Não somos grandiosos.

Não temos tamanho de edifícios.

Não fazemos mágicas, tampouco milagres.

³ Josef Allen Hynek (1910 - 1986). Astrônomo e ufólogo americano.

⁴ *Calling Occupants Of Interplanetary Craft*, Carpenters, 1977.

Nem somos capazes de ressuscitar os mortos...

... embora tenhamos legado-lhes um paliativo: a clonagem.

Não expelimos raios pelos olhos e nem temos uma luz na ponta do dedo.

Não viemos de Vênus, Marte, *Tau Ceti*, *Epsilon Eridane* e, tampouco, do asteróide B 612⁵.

Somos criaturas, digamos, comuns. Fomos criados pela mesma ação da Natureza que tornou o céu azul, trouxe o nevoeiro nas manhãs de inverno ou deu asas aos pássaros e às borboletas. Ah, sim, é um consolo para nós dizer que também não somos nanicos de pele verde e antenas, nem calvos e cabeçudos em um suposto hangar da Área 51; e, muito menos, um patético ET Bilu oculto no mato...

Depois de tanta espera, tantas especulações, inúmeras expectativas e preparo, eu e meus iguais sentimos relutância em mostrarmo-nos como realmente somos e de onde realmente viemos.

Acreditarão em nossa palavra?

Aceitar-nos-ão como, de fato, somos?

Mandar-nos-ão para o hospício mais próximo?

Agora, a humanidade, não obstante "assombrada pelos demônios"⁶, está pronta. Deveria pelo menos. Foi fartamente preparada. *Argumentum ad nauseam*.

Preparados, devo confessar, não estamos nós.

Quem diria, hein?

Em nós, agora, não há mais o temor de atemorizá-los, mas o próprio temor que sentimos.

Temor do descrédito.

Temor do desapontamento.

Temor de termos ido longe demais.

Temor de esperarmos tanto tempo em vão.

Temor de estarmos obsoletos por nossas próprias mãos.

Seja como for – e como já cantaram – o *show* deve continuar.

Tal qual uma cortina que se abre e nem um aplauso sequer é ouvido.

Só o cricrilar de grilos a romper o silêncio...

... sem palmas para bater.

NOTA DO AUTOR:

Esta é uma versão atualizada de um texto divulgado no blog "Marcianos como no cinema"⁷ de Herman Augusto Schmitz e no site EFuturo⁸ e foi o primeiro que escrevi após uma longa pausa, embora tenha deixado de incluí-lo na coletânea "Sob as Folhas do Ocaso", mas, certamente, fará parte da próxima.

⁵ "O Pequeno Príncipe" (*Le Petit Prince*), Antoine de Saint-Exupéry (1900 - 1944), 1943.

⁶ Referência ao livro "O Mundo Assombrado pelos Demônios" (*The Demon-Haunted World*), de Carl Sagan (1934-1996), 1997.

⁷ <http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/2014/03/roberto-schima-melancolica-cronica-de.html>

⁸ https://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?cdPoesia=8275&Quadro=&Inicio=0&p=&id=671&tbTxBusca=



Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Yahoo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
I say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I'm not sleeping."
at the white door
andle
all night.



UM NOVO DIA PARA FRANCISCO

Por Ademir Pascale

Conto

O dia está amanhecendo. Francisco gosta daquela sensação que só as manhãs lhe proporcionam. O ar fresco enche-lhe os pulmões e a brisa fria faz sentir-se vivo. Vivo para mais um dia de labuta. Os feirantes já ocupam toda a rua. A banquinha de frutas já está armada e como de costume, Francisco tem que passar lá para pegar duas bananas que seu Juca, o proprietário, cede sem pestanejar. Aliás, todos os feirantes o conheciam pelo carisma que irradiava e pela força positiva que seu sorriso transmitia. As bananas lhe davam força suficiente para conseguir chegar até o meio-dia. Empurrando sua carroça, ia esbanjando alegria. Vez ou outra parava para

cumprimentar os transeuntes ou os comerciantes da vila. Tira o boné e se curva perante os mais idosos. E faz isso quantas vezes for preciso. Os olhos atentos preparavam as mãos calejadas: papelão, latinhas e equipamentos eletrônicos usados. Tudo isso rendia alguns trocados, mas algumas coisas ele não vendia e até se apegava, como um radinho de pilhas da década de 80 que encontrou dentro de um saco de lixo. Sua carroça era equipada, enfeitada e colorida. Na traseira tinha uma antena de carro que encontrou no meio da sucata. O radinho fixo na parte interna da carroça era a sua alegria. Uma das laterais estampava a frase: “Dirigido por mim, guiado por Deus”, a outra simplesmente

“Francisco”, com a letra “F” grande, completamente desproporcional ao restante das outras letras.

Os dentes esbranquiçados e lustrosos continuavam à mostra, mesmo com o suor escorrendo na testa. Fez uma parada rápida para beber água, trazida num squeeze que estava dentro de uma mochila velha. Vislumbrou o cenário da feira lá de longe. O colorido das frutas, verduras e legumes, o vai e vem das pessoas, um cenário bonito e alegre que o inspirava em sua jornada.

O meio-dia já vinha chegando e a fome já ia apertando. Era hora de parar, estacionar a carroça, sentar-se na calçada, abrir a mochila e pegar o lanche que estava embrulhado num papel de pão de padaria: dois pães com mortadela que foram consumidos em poucas abocanhadas, restando apenas um pedaço que fora jogado para um cãozinho com olhar de pidão. Francisco se levanta e estira os braços e as pernas, coça a barriga, olha para o céu e vê a imensidão daquele azul infinito. Fecha os olhos e os abre novamente, imaginando como é estranho estar num planeta suspenso no nada, girando e girando infinitamente como uma valsa que nunca se acaba.

O latido lhe faz despertar de seus pensamentos. É hora de voltar ao trabalho.

Francisco esfrega as mãos, abre o largo sorriso e começa a empurrar novamente a sua carroça, agora bem mais pesada. Os moradores da vila já o conhecem e facilitam seu trabalho, deixando nas portas das casas os papelões, revistas, jornais velhos e latinhas. Raramente ele encontra um aparelho eletrônico.

Algumas pessoas também deixam roupas, mas muitas não lhe servem: roupas de

crianças e trajes femininos. Essas ele vende num brechó.

As garotas também conhecem muito bem Francisco, galanteador como sempre, nunca deixa de ser cordial com ninguém. Seu sorriso é marcante e sua presença traz conforto. Sabe aquelas pessoas que nós queremos sempre estar próximos? Pois uma delas é Francisco. Embaixo do sol escaldante, o corpo ainda esguio de cinquenta e poucos anos sua molhando as roupas, dando sinais de que logo deverá parar e fazer o trajeto de retorno vendendo os objetos que encontrou, já separados dentro do carrinho, como de costume.

Os compradores confiam em Francisco e avaliam os seus produtos sem muitos questionamentos. Os papelões, assim como as latinhas, são pesados. O dono do brechó paga pelas roupas. A lojinha de eletroeletrônicos usados compra o único aparelho que ele encontrou no dia: um DVD Player com um controle remoto preso em fita adesiva, com alguns riscos e com uns quatro anos de uso, mas em pleno funcionamento.

Francisco volta feliz, com o radinho ligado com as pilhas que acabara de comprar, sintonizado numa estação de rádio FM.

Ele passa rapidamente numa casa do norte e compra um pedaço de carne de sol e um pouco de mandioca, pois a noite fará uma janta especial. Entra no cortiço. Prende a carroça no portão com uma corrente e vai para seu quarto, o de número oito.

Após tomar banho de canequinha, prepara o jantar. Enquanto come a carne de sol frita com mandioca, olha os pôsteres que estão colados na parede: Trio Parada Dura, Raul Seixas, Secos & Molhados. Todos estão lá, como nos dias

anteriores. Liga a TV de tubo que já está sintonizada em seu canal preferido. Retira os chinelos, senta em sua poltrona rasgada, coloca os pés sobre uma almofada e assiste ao noticiário, até adormecer.

...

O dia está amanhecendo. Francisco gosta daquela sensação que só as manhãs lhe proporcionam. O ar fresco enche-lhe os pulmões e a brisa fria faz sentir-se vivo. Vivo para mais um dia de labuta.

Sim, este será mais um feliz e ótimo dia em sua vida.



Ademir Pascale

Paulista, escritor, ativista cultural e digital influencer. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e do novo "Jornal em São Camilo da Maré", romance participante do 4º Prêmio Kindle de Literatura: <https://www.amazon.com.br/dp/B07YJBTJ4G> Contato: ademirpascale@gmail.com

ONDE O TEMPO DEIXOU DE EXISTIR

Por Roberto Schima



Conto

1 - O SOM

Na escuridão entre as estrelas do céu, o som não fizera morada. Era o lar do silêncio e frio absolutos. Entretanto, nas trevas onde o oceano era mais profundo, nos raros momentos em que a quietude era rompida, percebia-se nesse cosmos marinho o som de maneira mais nítida. E era apavorante! Percorria as distâncias mais longas, viajava cerca de quatro vezes mais rápido que na superfície e arranhava o espírito em acordes de puro horror. Lá, suas estrelas inquietas não auxiliariam um marinheiro a encontrar sua rota, pelo contrário, deixá-lo-ia perdido para sempre.

E ele ouvia tal som:
Mais enigmático.
Mais penetrante.
Mais aterrador.
Parecia vir do nada e retornar para ele.

A toda volta e, ainda, no interior da alma.

Em toda parte e, também, em parte alguma.

A loucura em forma de cristas, vales e frequências.

— Pare com isso... PARE! — gritou, tapando os ouvidos. — Deixe-me sair!

Muito já se falara sobre a vastidão do mar, a ponto da expressão tornar-se

um clichê, uma metáfora do próprio Universo. Entretanto, nas camadas mais profundas do oceano onde a luz solar aos poucos era extinta, havia um paradoxo.

A luz morria.

O calor se esvaia.

O tempo deixava de existir.

Reforçado pelo sentimento de clausura que as espessas paredes do batiscafo provocava, não obstante a sua imensidade, o oceano nas profundezas mais fundas provocava claustrofobia — a opressão da pressão — e sufocava. O nada infinito das águas colidia com a ausência de horizonte. A vista alcançava tão somente até onde a luz do holofote conseguia penetrar... E era tão pouco! Era como estar trancafiado num esquite, visitado de quando em quando por espectros luminosos. E eles gemiam luz em pulsante silêncio.

E era lá, muito mais abaixo, que a substância dos pesadelos residia.

A escuridão angustiava.

O frio atravessava o casco.

Havia o som... sim... aquele som.

Desafiava o negrume, o frio, o tempo e a descomunal pressão àquela profundidade.

Assustaria as criaturas bioluminescentes que, em defesa, fundiriam-se às trevas, apagando-se, caso lá conseguissem sobreviver.

Era um som áspero, um arranhar contínuo a medida em que fazia rolar o batiscafo.

— Deixe-me ir!

Um som antigo, sim, de inúmeras eras, quando as baleias, os plesiossauros e os trilobitas sequer sonhavam em nascer. Antecedia as eras glaciais, a extinção do Permiano, a explosão Cambriana. Talvez sequer tenha se originado na Terra. Viria dos confins do Universo, através da

radiação cósmica e dos eóns? Nesse caso, afinal, haveria um ponto em comum entre o espaço sideral e a imensidão dos oceanos.

"Estou enloquecendo", pensou ele.

Embora o Prof. William Paolo Schmitz, oceanógrafo da Universidade Federal da Barra do Una, tivesse sido o primeiro a ouvi-lo e registrá-lo, essa grande descoberta seria — por falta de um termo mais adequado — soterrada com ele.

Dada a fatalidade dos últimos acontecimentos, o velho cientista — célebre pelo mapeamento subaquático da costa litorânea no sul de São Paulo, bem como da extensão do rio Una do Prelado e seus afluentes — encontrava-se tão isolado da humanidade quanto um astronauta naufragado em órbita, sem a menor esperança de resgate.

Sua descoberta permaneceria oculta sob o peso do oceano, em algum lugar dos abismos e fissuras desconhecidos da Fossa das Marianas.

A menos que pudesse enviar uma mensagem ou um evento incomum ocorresse.

2 - UM BRASILEIRO

*Instituto Oceanográfico de Sarasota
Flórida
Golfo do México
Estados Unidos da América.*

Era para ter sido uma ocasião festiva, não obstante o desafio que representava.

— Parabéns, professor — dissera o diretor James Neil Boston.

Fora um aperto de mão glacial.

O oceanógrafo sentira uma antipatia pelo diretor desde o início, mas como este era o cabeça por trás de tudo, tratara de esboçar seu sorriso número cinco, aquele que dizia: "Eu sou um cara legal, mas quero que se foda".

— Obrigado, Dr. Boston, sinto-me honrado.

— E deve, sem dúvida — disse num meio sorriso. — Não é todos os dias que alguém terá a oportunidade de descer até o reino abissal. Principalmente um cientista oriundo do terceiro mundo...

O oceanógrafo não deixara de perceber a entonação de pouco caso. Vez ou outra tinha de lidar com tipos assim. E, nesse caso, reservara um palavrão na ponta da língua para substituir o sobrenome do outro.

— Certamente, Dr. Bosta.

— Boston... A pronúncia correta é Boston, Prof. Schmitz.

— Ah, claro. É o meu sotaque — desculpara-se sem pedir desculpa de fato.

Como alguém cujo amor desde criança estivera dividido entre o oceano do céu e o oceano das águas, o Prof. William Paolo Schmitz estava ciente sobre o que representava essa histórica oportunidade.

Aos dez anos, enquanto estudante do Grupo Escolar Professor José Bartocci, na Vila Ré, capital paulista, o jovem William precisara escrever uma redação — que na época era denominada "composição" — cujo tema era: "O que pretendo ser quando crescer". E ele garatujara:

"Astronauta. Astronauta porque quando sair e entrar na órbita terrestre e lunar viverei numa aventura e tanto.

"Meu nome poderá sair em rádios, jornais e televisões.

"Quando chegar lá poderei dar pulos de até cinco metros de altura sem um mínimo de esforço.

"Levarei pedras e pós lunares para a Terra para os cientistas pesquisarem.

"E, quem sabe, talvez poderia ir a Marte; e, se existir vida, poderia trazer um animal ou vegetal.

"E algum dia talvez o homem conquistará novos mundos e penetrará na Via Láctea e no espaço infinito."

Compreensivelmente tosco e crivado de erros, mas aceitável o suficiente para que a sua professora, D. Irma, anotasse um generoso "Muito Bom" no canto do papel. Apesar dos anos decorridos, ele preservara esse texto como um lembrete de seu sonho. Entretanto, cedo ficara claro que galgar as estrelas estava distante demais para ele. Assim, voltara-se a sua outra paixão: o mar, cujas estrelas, conchas e ouriços encontravam-se, literalmente, ao alcance das mãos.

Mas, agora, de certo modo, poderia reunir esses dois oceanos novamente.

Mergulhar até as trevas abissais, supôs, seria quase idêntico a estar a bordo de uma cápsula espacial. Seria escuro, frio, misterioso e, até, mais difícil do que em uma astronave sob certos aspectos. Afinal, mais homens caminharam pela Lua do que atingiram o mar profundo. Conhecia-se mais a superfície de Marte do que o piso oceânico da Terra. Falava-se muito dos enigmas do espaço, contudo, o verdadeiro desconhecido encontrava-se bem ali, diante dos pés da humanidade: o

berço líquido no qual se originara a vida e do qual tão pouco se compreendia.

"São os domínios de Poseidon, do Kraken, das serpentes marinhas, tritões e sereias..."

Jornadas épicas foram realizadas sobre os sete mares: fenícios, vikings, chineses, portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses. Todavia, sob as águas, em que pesasse os célebres mergulhos de Jacques-Yves Cousteau, perdurava o grande mistério.

Para o Prof. Schmitz, o convite para fazer parte da tripulação do batiscafo *Tartarus* fora a concretização de um sonho, talvez dois... Aliás — e corrigindo —, nem se poderia dizer isso, pois ele jamais cogitara de que algo assim tornar-se-ia realidade um dia.

O primeiro brasileiro a efetuar um mergulho até a *Challenger Deep*.

Em verdade, para ele, essa hipocrisia ufanista não tinha importância alguma. A imprensa nacional adoraria chafurdar na matéria, caso essa operação sigilosa viesse a público: "Um brasileiro...", como se isso tivesse sido responsável por todo o sacrifício que ele, sem qualquer apoio governamental, tivera de suportar para alcançar seus objetivos. Enquanto estudante e, agora, professor, ele bem sabia qual o valor que os políticos davam ao ensino e à pesquisa no país e o quanto interessava-lhes formar um povo instruído. Se assim fosse, o contínuo êxodo das melhores mentes para o exterior teria diminuído, quiçá acabado.

Seu entusiasmo tinha a ver com o espírito de descoberta, desbravar novos territórios, conhecer, aprender, estar diante de seu próprio sonho de infância.

Em dado momento, olhando para os lados, indagara:

— E o restante da tripulação?

— Caro professor — dissera o diretor James Neil Boston, pousando sua mão de abutre no ombro daquele —, o privilégio será seu, somente seu.

— Irei sozinho?

— Conclusão brilhante, professor. Sim, irá sozinho no *Tartarus*. É pegar ou largar...

O Prof. William Paolo Schmitz tivera vontade de arrancar aquela mão e esmurrar o rosto rosado.

Informaram-no sucintamente qual seria a sua missão, se viesse a aceitar.

Um submersível-robô de última geração, sem cabos de fibra óptica, denominado *Hália*, projetado para resistir à pressão do fundo do mar, perdera-se na Fossa das Marianas. *Tartarus* deveria encontrá-lo e trazê-lo de volta ou, pelo menos, averiguar que condições externas além das já conhecidas poderiam ter danificado o equipamento. Embora não obedecesse mais aos comandos em terra, o robô ainda emitia um fraco sinal através do qual o oceanógrafo poderia rastrear sua exata posição.

— E, então, professor — insistira o diretor —, pega ou larga?

Estreitara seus olhos ao mirar o outro.

— Eu pego, Dr. Bosta.

— Boston! Eu...

— Basta, besta, bosta, boston... É tudo uma merda só!

James Neil Boston mostrara-se confuso, porém, o Prof. Schmitz não ficara para elucidar. Seguiu um assistente que iria repassar todas as instruções quanto ao funcionamento do batiscafo. Pelo sorriso deste, ao menos na essência

ele compreendia o ocorrido e compartilhava dos sentimentos do oceanógrafo em relação ao outro.

3 - O QUESTIONADOR

DO DIÁRIO DO PROF.
WILLIAM PAOLO SCHMITZ:

O vôo do aeroporto de Miami até Manila ocorreu sem incidentes. Exceto se eu for considerar as horas intermináveis ao cruzar o Pacífico ouvindo o Dr. Boston contar vantagem sobre seus inúmeros feitos.

Não entendo por que fui o escolhido e, tampouco, por que tal sujeito não se prontificou ele próprio a cumprir a missão do Tartarus. Minha posição no IOS é secundária, quase relegado a assistente.

Nunca fui bem visto na comunidade científica de meu próprio país ou do exterior.

Tinham-me como aquele cara chato que gostava de contrariar.

Sempre incomodou-me, por exemplo, a teoria de Gondwana, ou seja, de que há centenas de milhões de anos toda a terra emersa estivesse unida em um único supercontinente de um lado e o oceano do outro. Não fazia sentido! Sempre pensei que isso teria mais a ver com o ser humano e sua necessidade de um princípio. Batizei isso de "A Síndrome do Gênesis".

Afirmavam que, em um momento ímpar da história da Terra, a superfície seca encontrava-se toda juntinha e, depois, conforme o movimento das placas tectônicas, separara-se em pedaços, formando os continentes e as ilhas. Ora, não refuto o movimento dessas placas. A existência da Fossa das Marianas e da Cordilheira do Himalaia evidenciam isso. Entretanto, acredito ser mais razoável supor que, desde que a água condensara-se em mares e oceanos, sempre houvera grandes massas de terras esparsas, de diferentes dimensões, e que moveriam-se conforme o movimento do manto sob a crosta. Eventualmente, uma ou outra colidiria,

formando uma superfície maior, mas não existiria uma espécie de imã que atraísse todo punhado de terra concomitantemente para depois espalhá-lo como quem atirava um prato de louça ao chão.

As configurações mudaram e continuam mudando, terras se unem ou se separam, afundam sob o mar ou emergem, e, assim como hoje, no princípio, as porções de terra existiram, porém, sempre esparramadas sobre o planeta.

Os geólogos querem mastigar o meu fígado por isso e torcem o nariz por eu não ter formação em sua área; assim como os astrônomos, quando começo a indagar sobre o Big Bang ser, de fato, o início de tudo.

E quando provoquei os matemáticos ao sugerir uma matemática onde a divisão por zero fosse possível? Só faltou incinerarem-me numa fogueira...

Quanto ao Dr. Boston, certa feita, questionei em público suas teorias sobre a formação do relevo abissal. Ele queria um princípio onde tudo era plano e, posteriormente, enrugou-se. Sentiu-se ridicularizado perante os colegas. Jamais perdoou-me por desmascarar a sua própria Síndrome do Gênesis.

Seria essa a sua oportunidade para vingar-se?

Não passarei de uma cobaia?

Afinal, a isca, quando é boa demais, o peixe abocanha...

4 - NO TARTARUS

Pacífico ocidental.

Trezentos quilômetros a leste das Ilhas Marianas.

Latitude: 11.373333 N. Longitude: 142.591667 E.

Trezentos e trinta e dois quilômetros a nordeste da Ilha de Guam⁹.

⁹ Informação obtida através do Google, colocando-se "challenger deep distancia de guam". Entretanto, outras fontes mencionam a distância de Guam até a Challenger Deep como sendo 304 km ou 306 km.

Duzentos e oitenta quilômetros a sudoeste da Ilha Fais, arquipélago de Yap.

O *Tartarus* afundou lentamente.

— Adentrando a zona epipelágica — informou o Prof. Schmitz. —

Profundidade: cento e cinquenta metros.

— Entendido — veio a resposta.

Era o ambiente familiar ao oceanógrafo, onde a luz penetrava o suficiente para que a fotossíntese pudesse ser realizada. A maior parte da vida marinha existia e exibia a sua profusão de formas e cores na orla marítima e nessa região. Estendia-se até duzentos metros de profundidade.

Após alguns minutos tornou a falar:

— Iniciando a descida através da zona mesopelágica...

— Entendido.

Percebeu diversas lulas passarem velozmente diante da vigia. Aos poucos, porém, o Prof. William Paolo Schmitz observou a luz esmaecer para um crepúsculo carente de cores até ceder lugar à escuridão perpétua. Com a luz, foi-se também qualquer vestígio de calor. O frio começou a atravessar as grossas paredes do batiscafo e beliscar-lhe os músculos até os ossos. Trajou sua vestimenta térmica o mais depressa possível, o que não foi nada fácil ou rápido diante do exíguo compartimento.

O termômetro marcava 9° C e caindo.

Em verdade, o oceanógrafo estava ciente de que o computador do *Tartarus* transmitia automaticamente as informações sobre profundidade, temperatura, salinidade, percentual interno de CO₂, densidade da água e incidência de luz para o rebocador de alto-mar da marinha filipina logo acima

na superfície. Mas apreciava ouvir a voz do marinheiro em resposta. Isso aliviava o sentimento de clausura e solidão que principiava a sondar-lhe o espírito, e, também dava-lhe algo para fazer. Pois, cedo percebera que o batiscafo bem poderia ter mergulhado sozinho. A maioria de suas funções era tão automatizada ou teleguiada quanto a do submersível-robô *Hália*. Havia poucos minutos, o batiscafo liberara com precisão parte de seu líquido flutuador a fim de voltar a mergulhar, pois, devido ao aumento da densidade da água provocada pelo frio, a velocidade do *Tartarus* reduzira sensivelmente. O que o Prof. Schmitz precisava fazer limitava-se quase somente a cuidar do próprio suporte de vida. Apenas ao atingir o objetivo, seu serviço iria se tornar necessário na busca do submersível-robô e análise da causa do incidente. Por ora, distraía-se observando o exterior através da vigia e ditando suas impressões para um diário pessoal.

Levou um pouco mais de tempo até ele anunciar:

— Penetrando na zona batipelágica.

— Entendido, Prof. Schmitz.

O ecobatímetro informara: encontrava-se a mil metros de profundidade.

5 - PIONEIROS

DO DIÁRIO DO PROF. WILLIAM PAOLO SCHMITZ:

O Tartarus tem um formato semelhante ao de um submarino. Para a descida, a exemplo do Deepsea Challenger, ele o faz na vertical, mergulhando feito um míssil, porém, ao

aproximar-se de seu objetivo, assumirá uma postura horizontal, conforme a maioria dos peixes. Dentro dele, próximo ao "focinho" está a esfera de metal onde ora me acomodo.

"Acomodar" é apenas um jeito de dizer que estou encolhido como posso dentro deste útero de aço.

Finalmente, atingi a zona abissopelágica.

Se um astronauta é invadido por um intenso sentimento de liberdade ao ver-se em órbita, a visão livre da atmosfera, sem a sensação de peso e fora da estação espacial, no meu caso — agora eu sei —, o que predomina é o oposto.

Sinto o oceano a minha volta comprimir o batiscafo, desejando esmagá-lo como a um ovo cozido. Cada rangido de metal ecoa nas profundezas e perfura meus tímpanos. É um gemido angustiado, um lembrete sobre o quão vulnerável estou. Não existe traje capaz de permitir um passeio do lado de fora e qualquer orifício no Tartarus fá-lo-ia implodir imediatamente. Se um dano na nave espacial poderia fazê-la explodir, aqui embaixo você seria esmagado por todos os lados feito um rolo compressor.

A água torna-se mais densa e fria, perto do ponto de congelamento, sem solidificar.

A própria sensação de passagem do tempo dá a impressão de alterar-se, tornar-se mais lenta.

É um lugar irreal de trevas informes e quietude quase eterna, ocasionalmente perturbado por algum deslizamento ou o borbulhar de um de seus vulcões de lama ou os jatos de uma fonte hidrotermal.

Sinto-me como a chama de uma vela prestes a ser irreversivelmente apagada num sopro gelado.

Se após todas essas palavras eu estou arrependido por ter aceitado a missão?

Olhem bem para mim... De forma alguma!

Apesar da apreensão crescente no interior deste ataúde, está sendo uma oportunidade inigualável em minha vida. Ao atravessar a zona do crepúsculo e mais além vi desfilar diante de meus olhos espécimes que, até então, conhecia somente através de gravuras ou, quando muito, deformados exemplares em formol. Incrível! Foi a realização de um sonho de infância observar vivos e livres em seu habitat aqueles pequenos monstros que tanto fascinaram quanto aterrorizaram o garoto dentro de mim. Quase esperei deparar-me com os seres abissais que enfrentaram o National Kid¹⁰ na velha TV à válvula. O peixe-machadinha e seu intenso brilho metálico. Cardume de barreleye com seus estranhos olhos voltados para o alto no interior daquela cabeça transparente. O peixe-ogro e o peixe-diabo negro, cada qual disputando a posição de criatura mais horrenda dos sete mares. Infelizmente, não vi um peixe-víbora. Nesse céu sem estrelas, a vida cuidara de trazer sua própria luz: a bioluminescência. Ora solitária, ora pulsante, ora numa verdadeira explosão de fogos de artifício, oriunda do plâncton, de medusas, crustáceos e peixes. Fotóforos e luciferina bordados feito lantejoulas no tecido da noite. E, ao redor, os resíduos orgânicos que formam a neve marinha deslizando vagarosamente para as regiões mais profundas.

Pelo menos essa é uma alegria ainda negada aos astronautas: o encontro emocionante com formas bizarras de vida.

E imaginar que certas nações pretendiam fazer dos abismos oceânicos uma lixeira para seus resíduos nucleares... Ora, enfim no @#%!

Minha maior frustração tem sido não ter ninguém para compartilhar tanto o meu entusiasmo por esse mundo pouco conhecido quanto o tédio da demora na descida. Conseguem se imaginar presos em um elevador

¹⁰ *Nashōnaru Kiddo*, Toei Company, Minoru Kisegawa e Unno Juza, 04 de Agosto de 1960 a 27 de Abril de 1961 (Fonte: Wikipédia).

por três ou quatro horas só para ir do topo até o tórreo? É mais ou menos assim a minha situação, acrescida do agravante de não poder esticar os braços ou as pernas.

Jacques Piccard teve a companhia de Don Walsh no histórico mergulho do Trieste em 1960, feito não repetido em mais de meio século.

James Cameron, em 2012, foi sozinho no Deepsea Challenger, todavia, o cineasta vivia constantemente tão rodeado de gente que, para ele, deve ter sido um alívio aquelas horas de solidão.

Victor Vescovo, entre todos, foi o maior aventureiro em seu DSV Limiting Factor, efetuando dois mergulhos em 2019 ao assoalho marinho, porém, definitivamente, ao contrário de mim, estava longe de ser um marinheiro de primeira viagem.

Pensando bem, se a opção de companhia fosse estar espremido nesta cápsula com o Dr. Boston, estou melhor aqui sozinho...

6 - PERDA DE SINAL

Em um paredão ameaçadoramente próximo, o Prof. William Paolo Schmitz observou um grupo de pálidas e gelatinosas anêmonas-do-mar. Mas foi uma exceção naquela aridez sombria.

Quando o batiscafo estava prestes a atingir a marca de quatro mil e seiscentos metros de profundidade, soou um alarme da superfície.

— Prof. Schmitz, perdemos o sinal do *Hália!*

A voz do marinheiro filipino pareceu vir de um túnel longo e estreito.

— Eu sei — respondeu o oceanógrafo. — Também estava monitorando.

— O que houve?

— Sei tanto quanto você. Foi muito estranho...

— Como assim, Prof. Schmitz?

— O sinal estava lá. Tornava-se cada vez mais claro a medida em que, mais e mais, o fundo se aproximava. De repente, foi interrompido.

— "Foi interrompido"? Como assim? Acredita que houve um agente externo?

"Militares", pensou o oceanógrafo, "sempre a paranóia de um inimigo a vista".

Tentou explicar:

— Foi interrompido, interrompeu-se... É somente força de expressão. O sinal parou e pronto. Foi o que eu quis dizer.

— Ah, entendi. Um minuto... Hã... Sim, ok, vou falar... Prof. Schmitz, Dr. Boston manda o senhor investigar a possível causa do problema.

"E eu mando ele ir pra PQP!", pensou o oceanógrafo. Mas falou:

— Essa sempre foi a minha missão. Só não disponho de bola de cristal...

— Não compreendo.

— Eu quis dizer: entendido, câmbio final.

Era cansativo a incompreensão dos estrangeiros às figuras de linguagem.

O que diriam as pessoas na superfície se soubessem que os fatos eram um pouco mais misteriosos? Devido a distância que separava o rebocador do leito marinho, eles não puderam perceber aquilo que, para o oceanógrafo, quase a meio do caminho, tornara-se evidente: momentos antes de perder o sinal, o submersível-robô dera mostra de ter se movido em relação ao fundo. Como isso pôde acontecer se,

tecnicamente, o *Hália* fora posto fora de ação?

— Com a perda do sinal, tudo o que me resta é concluir a descida, vasculhar em volta e tentar descobrir a causa da pane — falou em voz alta para o seu diário. — Pelo visto, já posso descartar o paradeiro do submersível. Nem uma agulha num palheiro seria tão difícil. Começarei a partir do último ponto onde o sinal foi transmitido e descreverei círculos concêntricos de raio cada vez maior. Pensando melhor, até que uma bola de cristal iria bem...

7 - CHAMADO DA NATUREZA

O *Tartarus* liberara parte de seu lastro de bolinhas de metal, reduzindo a velocidade de descida. Lentamente, efetuou uma manobra, fazendo seu corpo em formato de tubarão assumir a posição horizontal.

No total, a descida torturante levava cerca de três horas e meia.

Finalmente...

... a *Challenger Deep*!

O batiscafo encontrava-se agora no fundo do poço abissal, a zona hadopelágica, região compreendida pelas fossas abissais abaixo de seis mil metros. No leito da *Challenger Deep*, estava submetido a uma pressão mais de mil vezes maior do que na superfície. A embarcação suportava, literalmente todo o peso do oceano em seus ombros. Era um feito espantoso e uma obra inacreditável de engenharia.

"E eu sem uma bandeirinha verde e amarela para soltar aqui", pensou o oceanógrafo, sorrindo.

Logo, seu sorriso foi substituído pela inquietação e, até, desespero.

"Essa não!"

Tudo fora pensado dentro do *Tartarus* em termos de resistência, instrumentação e automação.

Quanto a tripulação, os projetistas aparentavam considerar tão somente um adereço incômodo, de forma que algo equivalente a um banheiro ou, pelo menos, um vaso sanitário, não fora considerado. Isso era compreensível em razão de dificuldades técnicas, economia de espaço e outras prioridades. Afinal, moldar uma esfera de metal de um metro e meio de diâmetro, dez centímetros de espessura e quase vinte e uma toneladas, posteriormente recheada de toda sorte de equipamentos não possibilitava muito espaço de sobra e fazia os alojamentos de um hotel-cápsula japonês parecer uma cobertura de luxo. Todo o restante da carcaça — no formato de peixe — era destinado à flutuação, lastro, mobilidade, iluminação e suporte de vida.

Assim sendo, o Prof. Schmitz — encolhido no batiscafo em posição quase fetal — cobrira as câmeras internas e vira-se obrigado da pior maneira a atender ao primitivo chamado da natureza. E, não bastasse ter de baixar as calças da vestimenta térmica no frio congelante, não obstante o sistema de aquecimento, agora, o mau cheiro tomara conta do limitadíssimo espaço do batiscafo. Seu único consolo era vislumbrar mentalmente a cara do pessoal na superfície daqui a várias horas após o término da missão quando abrissem a escotilha. Isso sim seria um "furo" de reportagem para os tablóides não só brasileiros, mas do mundo todo, não fosse o segredo da missão.

Cedo ou tarde, a medida em que a exploração das profundezas marinhas

avançava, alguém teria de preocupar-se com isso.

— Tudo pela Ciência —
murmurou contrafeito. — Eca!

O pouso foi efetuado da forma mais delicada possível. O exemplo do que ocorrera com o *Triste*, quando a nuvem de sedimentos levantada obstruiu toda a visão de Walsh e Piccard, abreviando a missão, não deveria repetir-se. Assim, apenas plumas de detritos agitaram-se ante a aproximação do batiscafo.

Um oceanógrafo de voz angustiada falou:

— O *Tartarus* pousou. Repito: o *Tartarus* pousou...

O marinheiro filipino respondeu:

— Entendido. Parabéns, Prof. Schmitz.

— ... e eu estou cagado!

Houve um segundo de hesitação.

— Como, senhor? Pode repetir?

— Nada não, esquece.

A voz do marinheiro chegara fraca através daquele túnel de onze quilômetros, mas perfeitamente audível diante do silêncio pesado e frio no interior da esfera de metal.

E, por mais que depreciasse a consideração, lá encontrava-se ele: Prof. William Paolo Schmitz, o primeiro brasileiro a atingir o local mais profundo do planeta, a *Challenger Deep*. E o primeiro a sujar o chão de sua embarcação àquela profundidade. Um momento duplamente histórico, registrado à posteridade através de seu memorável pronunciamento.

Se alguém além da tripulação do rebocador um dia ouviria, era outra questão.

8 - FOSSA DAS MARIANAS

DO DIÁRIO DO PROF.
WILLIAM PAOLO SCHMITZ:

Preciso deixar de bobagem e me concentrar.

Agora, o esforço é redobrado devido à afronta às narinas, mas tenho que prosseguir, pois é a parte em que, realmente, tornar-me-ei uma parte ativa e crucial dessa missão.

Custa-me crer que estou, de fato, no ponto mais profundo da Terra, no sul da Fossa das Marianas. A fossa formou-se do encontro entre a Placa das Filipinas e a Placa do Pacífico. A Placa do Pacífico tem afundado sob a Placa das Filipinas num processo de subducção que já dura seis ou nove milhões de anos. A depressão resultante em forma de arco possui dois mil, duzentos e cinquenta quilômetros de comprimento e sessenta e nove quilômetros de largura. É uma enorme cicatriz. Forças monumentais e muito antigas desenrolam-se lentamente ao meu redor, embora a aparência geral seja de estagnação, silêncio, escuridão e frio.

Há muito sedimento, uma lama de detritos oriunda da superfície ao longo de milhões de anos. De certo modo, parece-me até uma camada fina, considerando-se o quanto de sujeira não deve vir continuamente de lá de cima. Mas é essa neve marinha que também fornece o alimento às criaturas que compõem a base da cadeia alimentar nessas profundezas, principalmente micro-organismos. E, por mais que eu tenha estudado sobre isso, não há como não admirar-se da existência de qualquer criatura aqui, diante das tremendas adversidades.

Pergunto-me qual seria o verdadeiro débito de todos os seres vivos em relação aos extremófilos durante a evolução.

Procedo a coleta de amostras do piso oceânico: detritos e rochas.

Avistei alguns anfípodes, porém, não há isca para atraí-los, pois a urgência da missão é em relação ao Hália. Todavia, pelo menos fui apresentado com uma visão espetacular: um tubarão-cobra atravessou o meu campo de visão. É algo tão raro quanto um astrônomo presenciar a explosão de uma supernova. Tinha quase um metro e meio de comprimento, o que pode ser considerado um gigante em relação a outras criaturas abissais. Em um meio tão carente de recursos alimentares, ser grande é uma regalia. Ninguém esperaria encontrar um exemplar tão fundo assim. Foi um privilégio admirar um espécime que já existia no tempo dos dinossauros e isso só realçou o meu sentimento de que, aqui, o tempo cessara de existir.

Não avistei qualquer linguado ou camarão vermelho, conforme Walsh relatara. E, ao contrário de Vescovo, não tive o desprazer de encontrar lixo plástico que, infelizmente, está em toda parte.

Assumo o controle do Tartarus e, conforme aprendera, elevo-me um pouco acima do solo e dirijo o batiscafo até o local onde o Hália emitira o seu último suspiro.

Alguém já se aventurou, sozinho, pelo interior de um cemitério durante a madrugada? Talvez a sensação seja semelhante. Tudo tão quieto e, ao mesmo tempo, aquele sentimento de que, a qualquer momento, algo irá surpreendê-lo.

A escuridão devora rapidamente a luz dos holofotes. É como dirigir por uma estrada desconhecida sob um forte nevoeiro. Mas nenhum automóvel teve de suportar o peso de meia centena de aviões sobre si.

O relevo é bastante acidentado. Engana-se aquele que imagina o fundo dos oceanos como uma extensão da praia que frequenta: aquela planície suave de areia. Há montanhas, vales, fendas, penhascos, vulcões, fontes hidrotermais e até cavernas originadas pelo fluxo de lava. Precisei subir e descer o Tartarus diversas vezes, desviar-me de pilares rochosos e pedras soltas do

tamanho de caminhões. Não podia elevar-me demais senão perdia o contato visual com o chão, digo, o sedimento acima do solo. O detector de metal vez ou outra dá um aviso, indicando a existência de jazidas minerais, o que não surpreende, pois há uma crosta de ferromangânês em alguns rochedos, mas nada do submersível-robô.

Acabo de dar uma pausa considerável neste relato. Levei um susto danado.

Literalmente, faltou-me chão sob os pés.

O motivo?

Vou direcionar as câmeras.

Aquilo surgiu em meu caminho:

O abismo.

9 - ALÉM DA CHALLENGER DEEP

Se alguém assistiu a "O Segredo do Abismo"¹¹, saberia do que o oceanógrafo estava falando.

Tratava-se de um penhasco ameaçador, sem fundo aparente, que penetrava mais além de tudo o que a própria *Challenger Deep* tinha a oferecer.

— Impossível! — gritou o Prof. Schmitz.

O *Tartarus* encontrava-se na borda daquilo e apontou todos os holofotes para baixo.

A luz morreu alguns metros adiante, restando aquele breu desmedido.

Fazia pensar em uma bocarra.

Se o *Hália* havia despencado ali...

Relatou a sua descoberta à superfície. Minutos depois, veio a resposta:

— Prossiga. Explore o fundo da depressão.

¹¹ *The Abyss*, James Cameron, 1989.

— Ficaram malucos! Isso aí bem pode acabar no manto terrestre.

Houve uma pausa e, de repente, a voz fanhosa de James Neil Boston fez-se ouvir:

— Controle-se, Prof. Schmitz. O senhor é um cientista fazendo pesquisa de campo. Execute o seu trabalho! A liberação do lastro depende de nós. E, afinal, é o senhor o *expert* na formação do relevo abissal..

O oceanógrafo tornou a se sentir feito um peixe glutão que mordera a isca. E tanto esta quanto o anzol mostraram-se grandes demais para o seu estômago.

— Compreendeu? — insistiu o diretor.

— Estou indo! — gritou e interrompeu o contato.

Temeroso, respirou fundo, segurou nos controles do batiscafo, posicionou-o de volta na vertical e seguiu adiante. Foi como dar o primeiro passo num precipício.

O *Tartarus* afundou lentamente.

Ali, o acúmulo de lama e outros sedimentos era maior e breve tornou-se claro que, apesar da potência dos holofotes, a visibilidade mal chegaria a alguns metros de distância.

O batiscafo afundou naquela nuvem e o sentido de realidade tornou-se translúcido.

Foi descendo mais e mais.

O casco estalou.

De repente, algo explodiu — ou mais precisamente, implodiu. O *Tartarus* estremeceu e, ao redor, o nevoeiro agitou-se em múltiplos redemoinhos.

O Prof. Schmitz berrou, agarrando-se às paredes. Aguardou. Procurou normalizar a respiração dentro do possível. Lembrou-se de um antiga frase que dizia mais ou menos assim: "Se

você pôde ouvir o estouro, é sinal de que tudo está bem", pois, assim como o trovão que se sucede ao relâmpago, se ele tivesse sido atingido pela pressão do oceano, jamais teria escutado o barulho. Sua morte seria instantânea. Procurou localizar a origem do problema e não tardou a descobrir: uma das câmeras externas, finalmente, implodira.

O coração continuou acelerado por um longo tempo.

Ocupava-se em registrar isso em seu diário quando, pelo canto do olho direito, percebeu algo.

Um movimento do outro lado da vigia atraía a sua atenção.

— O quê?

Sentiu o calafrio de quem vira um fantasma.

Um momento estava lá, no seguinte, desaparecera.

O ritmo de sua respiração aumentou e o coração tornou a bater forte.

Ajustou as câmeras remanescentes e os holofotes na direção do que supunha ter visto.

Se o oceanógrafo pudesse descrever aquilo que julgara ter visto, tomado pela incerteza, diria, como de fato murmurou:

— Algo escuro...

Mas o quê não seria escuro naquele lugar?

Era como uma sombra dentro de outra sombra.

As luzes nada puderam revelar, exceto o torvelinho da neve marinha provocado por fosse aquilo o que fosse.

Engolindo em seco, o Prof. William Paolo Schmitz ajustou o leme, direcionou as hélices, aumentou sua potência e pôs-se naquela direção.

— Algo escuro — repetiu. —
Nunca vi nada tão escuro.

Era como se aquilo tivesse a capacidade de absorver toda forma de luz, tal qual a chama de uma vela irreversivelmente apagada num sopro gelado.

E o oceanógrafo sentiu-se uma vela.

10 - ALGO NEGRO

DO DIÁRIO DO PROF.
WILLIAM PAOLO SCHMITZ:

Dentro deste útero de metal, eu tateio sob a noite eterna em um oceano denso, árido e misterioso.

A névoa está a minha volta e não consigo vislumbrar o chão.

Estou em seu âmago, em suas entranhas de plumas.

Um corpo estranho em um mundo estranho.

Quer me absorver, esmagar, destruir.

Os holofotes denunciaram algo, tenho certeza disso.

Meus olhos não me enganaram.

Era escuro, muito negro, a deslizar na nuvem marinha. Um arrepio apossou-se de meu corpo. Perguntei-me o que seria. Miragem? Uma ilusão de óptica? Uma nova fissura? Então, para o meu completo espanto, quando o alcancei, percebi que aquele negror se movia em relação à neblina. Por mais absurdo que pudesse ser tal pensamento, perguntei-me se seria uma espécie de rio submarino, o fluxo de algum tipo de petróleo que, por algum motivo, fosse mais denso do que a água, acumulado durante eras e eras de plâncton, algas e peixes mortos.

Fundido.

Esmagado.

Transformado.

Ou seria alguma substância totalmente nova?

Então, fosse o que fosse, desapareceu novamente de vista. Não era um rio, pois possuía uma dimensão finita.

Continuo a segui-lo. Já não me sinto mais dono de meus movimentos ou de meus pensamentos. Ignoro o frio, o fedor, a pressão, a enormidade da solidão nestas profundezas pré-históricas. Todos os meus pensamentos fixam-se naquele fenômeno. De tudo o quanto observei nessa incursão, se há algo de anormal, é aquele fluxo de trevas. Acelero o Tartarus o mais que posso, fico atento a cada lamento do metal.

Penetra em minha alma feito arpão. Os pequenos redemoinhos indicam-me o curso. Lá! Está lá! O fluxo. A substância. Consegui alcançá-la a tempo de ver escoar para... O que é aquilo? Meu Deus, é uma enorme rachadura. Não pode ser! O fundo mais fundo dos oceanos... é ainda mais fundo! Penso na piada do sujeito que, estando bastante encrencado, sentia-se metaforicamente no fundo do poço, onde - acreditava — nada mais de pior poderia lhe acontecer... Até descobrir que, no poço, havia um alçapão.

Sinto-me desse jeito agora. Só que há um alçapão no fundo do alçapão...

Eu desci até a Fossa das Marianas.

Mergulhei em um precipício desconhecido.

E, agora, essa fissura nas entranhas da Terra.

Pensei de informar à superfície.

Relembrei a última voz que ouvira, a voz daquele "boston". Não o farei. Eles que tentem adivinhar.

"Vamos lá, Willy!", gritara um amigo de infância ao me empurrar de um rochedo. Teoricamente, ensinava-me a nadar. Na prática, essa primeira vez por pouco não fora a última. Ah, como eu detestava se chamado assim, Willy...

Não há ninguém para empurrar-me agora, exceto eu próprio e todas as águas do mundo acima de mim.

Concluo comigo próprio numa bravata fingida: "Perdido por um, perdido por mil".

— Vamos lá, Willy! — falo para mim.

Nobres palavras para quem está todo borrado.

Inspiro profundamente, dou uma passada de olhos nos mostradores e dispositivos e, por fim, avanço para aquele rasgo no piso, outro extraordinário abismo, perguntando-me se estou prestes a me tornar mais um mistério dos mares, assim como o Hália e tantas outras embarcações desaparecidas ao longo dos séculos.

Deslizo lentamente para baixo.

Sinto-me em uma nave relativística.

Ou serei um bebê escorregando do útero?

Lá fora, os minutos se congelam e, então, param.

11 - SEM ESCAPATÓRIA

Ele viu-se apanhado antes que o *Tartarus* pudesse alcançar o fundo.

A princípio, o negrume envolveu o batiscafo como se uma cortina descesse e extinguisse de vez qualquer vestígio de luz que os holofotes conseguissem lançar sobre à sopa leitosa de sedimentos.

E o silêncio, se já era pesado, transformou-se em chumbo.

Não era uma escuridão comum.

Os holofotes não conseguiam iluminar nada, nem a eles próprios.

O Prof. Schmitz pensou num blecaute do sistema eletrônico, contudo, havia luz no interior do *Tartarus*. Os painéis funcionavam normalmente. LEDs estavam acesos ou piscavam. Telas *touch screen* exibiam toda sorte de

informações e medições. Indicadores luminosos davam conta de uma pressão de mais de oito toneladas por centímetro quadrado no casco.

Porém, tanto através das vigias quanto dos monitores ligados às câmeras, não era possível vislumbrar nada do exterior, absolutamente nada.

Era o breu absoluto, um céu desprovido de estrelas, todavia, lá, o som fizera morada.

A princípio, o oceanógrafo mais sentiu do que escutou.

Começou com ruídos ásperos, semelhantes a unhas arranhando uma porta.

Era o tipo de brincadeira que seu irmão mais velho costumava fazer em criança, quando o pequeno William utilizava o banheiro. Invariavelmente, era durante a noite e sempre assustava o menino. Mas seu irmão perecera havia muito tempo em um acidente automobilístico.

Pensar nas unhas, no medo e no irmão morto foram imprudências além de sua vontade.

E os estranhos ruídos ecoavam no interior da batisfera.

No silêncio das profundezas abissais, como era alto aquele som em seus ouvidos! Tocava-lhe os nervos como o dedilhar de um instrumento de corda por alguém que não fosse músico... Era apavorante!

E arranhava e arranhava o *Tartarus* em uma carícia abrasiva.

De toda parte e de parte alguma.

Enigmático.

Penetrante.

Aterrorador.

E o ruído foi aumentando de intensidade.

A noite sem estrelas abraçava o indefeso *Tartarus*.

Rangidos e estalos no casco tornaram-se mais frequentes.

Não poder localizar a fonte do som só fazia aumentar a inquietação.

— Pare!

O corpo do oceanógrafo sentiu, já que a visão do exterior fora-lhe negada: o batiscafo afundava mais depressa do que as hélices queriam. E passou a oscilar rudemente.

Não obstante o que o diretor dissera, o Prof. William Paolo Schmitz procurou pelo controle de lastro. Encontrou e acionou-o. O maldito blefara. Percebeu o rolar das inúmeras bolinhas metálicas para fora de seu compartimento.

Suspirou.

Mas o seu alívio durou pouco: a velocidade de descida não diminuiu.

E não somente isso. Pouco a pouco, o frio foi cedendo lugar ao calor. O indicador do termômetro foi subindo e subindo.

"Fonte hidrotermal!", concluiu.

Ele sabia que em suas proximidades, a temperatura poderia ultrapassar os 400°C, mais do que o suficiente para derreter o chumbo. Mas bastaria uma fração disso para cozinhá-lo.

Nenhum horror que pudesse acontecer no espaço, comparava-se àquilo. Pelo menos no espaço, o astronauta poderia sair de dentro da nave. Entretanto, ali nas profundezas, o oceanógrafo estava completamente confinado num esquite de ferro e carbono.

De repente, ouviu um estrondo.

Seu corpo foi violentamente sacudido.

Luzes internas piscaram.

— Meu Deus!

Suava a cântaros, tanto de calor quanto de medo. O horror destilara-se em suas artérias.

O termômetro, agora, indicava uma temperatura interna de 30° C. E continuava a subir.

O fedor nauseabundo empestava todo o interior da esfera.

Esforçou-se por recuperar o autocontrole e tentar descobrir a causa. Outras informações nos painéis deram-lhe a resposta.

Fosse o que fosse que envolvera o *Tartarus*, não só forçara-o a descer mais depressa como fizera implodir o reservatório do líquido flutuador.

O tubarão de metal foi irremediavelmente mutilado.

E, embora estivesse livre do lastro, o Prof. William Paolo Schmitz bem sabia o que a perda do reservatório significava.

— Estou perdido...

Seu único consolo era saber que o sonar do rebocador filipino na superfície receberia o eco entre sete e oito segundos após o estrondo. — Agora! — E, assim, deduziria o fúnebre destino do batiscafo e seu tripulante.

Ele poderia tentar restabelecer o contato, apesar da antena, provavelmente ter sido destruída. Entretanto, não iria dar essa satisfação ao Dr. Boston.

Um rasgo súbito na escuridão de um dos monitores permitiu-lhe ver por um breve momento.

A neve marinha dissipara-se e, mais adiante, o holofote livre da escuridão revelou-lhe um verdadeiro cemitério de navios e aviões de diferentes épocas, amontoados uns sobre os outros, cobertos de detritos.

A cortina tornou a cerrar-se e tudo se apagou novamente.

E aquele som de unhas arranhando o casco tornou-se mais insistente e intenso.

— Pare com isso... PARE! — tapou os ouvidos. — Deixe-me sair!

Entretanto, em seu íntimo, ele sabia ser tarde demais.

12 - O VERDADEIRO TÁRTARO

DO DIÁRIO DO PROF.
WILLIAM PAOLO SCHMITZ:

A criatura é imensa.

Sim, eu chamo de criatura.

Preciso referir-me de algum jeito.

O comportamento dessa coisa não é o de uma casualidade geológica. Se se trata de algum tipo de molusco, celenterado ou holotúria eu não sei responder. Sequer posso afirmar com certeza se está vivo ou não. Ela existe onde nenhuma forma superior de vida deveria existir. E reage ao meio ambiente. Move-se por vontade própria. Porém, ignoro completamente a sua natureza. Ou devo dizer "sobrenatureza"? Assemelha-se a um lençol de uma escuridão absoluta. É tão eficaz na absorção da luz que não há reflexo algum em sua superfície — se é que há uma superfície. Seu albedo deve ser praticamente zero. É como encarar uma região do espaço completamente vazia. É um vislumbre daquele negror insano que habita a alma de cada um de nós.

A luz perece.

O calor só aumenta.

O tempo deixa de existir.

O batiscafo, agora, atingiu o fundo um baque de metal e rola feito uma bola de bilhar.

O primeiro brasileiro... Não... O primeiro ser humano a atingir o fundo mais fundo dos oceanos. E a ver aquilo que não pode

ser visto. A professora Irma ficaria orgulhosa de mim... não fosse o fedorume.

Está quente, muito quente.

Estou delirando.

Foi por isso que não teve coragem de vir até aqui, Dr. Bosta? Você sabia o que me aguardava? Rogo uma praga em você, desgraçado!

Essa coisa que me envolve deve ser parte de um anoitecer anterior ao surgimento das estrelas. Não é um rio submarino, tampouco um fluxo diferente de petróleo. É... uma criatura.

O ruído áspero que seu corpo faz ao rolar sobre a superfície do batiscafo dá algum indício sobre suas dimensões. É surpreendente. O som leva minutos a cessar, faz uma pausa e tornar a repetir-se.

O calor, agora, alcança os 43° C.

Está demasiado quente.

Sim, estou delirando.

Cozinhando...

A vista está ficando turva e sinto dificuldade em pensar de forma coerente.

Isto aqui ainda está gravando? Espero que sim.

O casco continua a ranger e estou certo que, em breve, uma rachadura porá um fim instantâneo ao meu tormento.

Colocarei o dispositivo onde se encontra este diário no interior da bóia de sinalização. Alimento a tênue esperança de que ela não somente resista a desconcomunal pressão deste inferno submarino, mas flutue pelos milhões de quilômetros de tempo e espaço que me separa da superfície, e que, de alguma maneira, possa ser recuperada por algum navio, por alguém.

Deixo, então, o meu apelo aos institutos oceanográficos e cientistas espalhados pelo mundo, a toda humanidade:

Não me sigam!

Não venham até aqui!

O tempo inexiste neste lugar.

Só a dor e a morte são uma certeza.

Enquanto na superfície o mundo viveu inúmeras transformações: animais e plantas surgiram e desapareceram, o clima passou por mudanças sazonais, relevos foram esculpido pela erosão, o homem competiu e batalhou por suas mesquinhas; aqui nas profundezas, muito pouco foi alterado.

No leito dos desfiladeiros abissais, ainda hoje ela sobrevive. Não sei o que é. Não pode ser observada ou detectada, mas está aqui. Não há compêndios científicos, uma classificação para algo desse tipo. Ela é parte da escuridão fria e sem forma dos oceanos. É um abismo destilado, diluído, alimentando e alimentado pelo terror perpétuo do desconhecido.

Diacho, 48° C!

Falta-me pouco agora.

Ovo cozido, um maldito ovo cozido.

Como eu queria poder esticar as pernas e os braços!

Quem disse que, no final das contas, eu não possuía uma bola de cristal?

Tornar-me-ei parte das embarcações afundadas, do submersível-robô Hália, desse precipício sem fim, desse trecho informe e antigo de escuridão que, durante os milênios, perambulou no infinito e aqui pousou enquanto a Terra se formava.

Eu encontrei o verdadeiro Tártaro.

A espera, aguardando.

Sem temer o tempo.

Apenas existindo.

Sem horizontes.

Arranhando.

Sumindo.

Rindo.

13 - O APAGAR DAS ESTRELAS

Anos depois, um inquérito conjunto entre a marinha das Filipinas e dos Estados Unidos da América resultou

na responsabilidade do Dr. James Neil Boston, diretor do Instituto Oceanográfico de Sarasota pelo fracasso da missão de recuperação do submersível-robô *Hália*, a perda do batiscafo *Tartarus* do IOS e o desaparecimento do Prof. William Paolo Schmitz, cientista-adjunto do IOS.

Coincidentemente, nessa mesma ocasião, um violento tremor sacudiu a Fossa das Marianas em decorrência da liberação da tensão acumulada pela Placa das Filipinas devido à subducção. Seu epicentro foi exatamente acima do ponto onde o esquecido batiscafo *Tartarus* naufragara.

Era noite e a poderosa força de empuxo trouxe à superfície toneladas de detritos. Ondas concêntricas arrastaram-nas para todos os litorais ao redor do Oceano Pacífico.

A carcaça do que sobrara de um Mitsubishi A6M Zero foi atirada à costa de seu país de origem.

Um veleiro do século XVIII foi visto em alto-mar, próximo a Papua-Nova Guiné.

Destroços retorcidos de um couraçado americano encalharam em Taiwan.

Quase num derradeiro ato, uma vaga mais forte levou a uma praia da ilha Babuyan um corroído objeto das profundezas: a bóia sinalizadora do *Tartarus*. Eventualmente, aquilo que um dia fora secreto viria dar a público.

Não muito longe dali, no alto de uma colina, um jovem casal de namorados observava as estrelas refletidas sobre a superfície de um mar até então excepcionalmente calmo.

Desapontados, aguardaram as águas se acalmarem.

Em vez disso, as ondas recuaram para bem longe, expondo recifes e corais.

— Vamos subir mais alto — disse o rapaz.

— Por quê?

— Um pressentimento, Shaira.

Vamos.

E assim o fizeram, subindo a encosta vulcânica.

Em segurança, tornaram a voltar seus olhos para o mar.

Próximo ao horizonte, era possível entrever outra vez o brilho das estrelas.

Era como se o céu tivesse polvilhado parte de seus astros na água.

Então, subitamente...

— Olhe, Kian! — falou a moça de olhos amendoados — As estrelas estão sumindo!

— O quê? — indagou o rapaz, olhando para o alto. — Onde?

— Para cima não, bobinho — corrigiu ela. — Lá!

Era para baixo que a moça apontava.

E ele também viu.

Não, não era sobre os pontinhos no céu que a jovem Shaira se referira, mas a estranha treva que surgira e crescia sobre o mar. Gradualmente, tanto o reflexo das estrelas quanto o cintilar do plâncton foram desaparecendo.

A escuridão mais escura do que todas as noites principiou a aumentar. Era como um sopro gelado a extinguir irreversivelmente a chama de uma vela.

— O que está acontecendo, Kian?

— Não sei, Shaira, eu não sei.

E eles abraçaram-se, trêmulos, sob a aragem da noite.

O *tsunami* chegou algum tempo depois.

Em breve, como numa história antiga que voltaria a ser contada, todos saberiam sem a menor sombra de dúvida de qual substância os pesadelos eram feitos. E, no interior de suas almas, permearia a angústia de um estranho lugar onde o tempo deixara de existir.

NOTA DO AUTOR:

Essa história surgiu após recente releitura de um artigo intitulado "No Fundo do Mar Profundo", de Don Walsh, publicado na *Seleções do Reader's Digest* de julho de 1960.

Desde criança, as profundezas do mar tanto quanto a vastidão do espaço atraíram o meu interesse. Na infância, costumava frequentar a praia em épocas de temporada, deleitando-me com as conchas trazidas pela maré. Numa mistura de curiosidade e assombro, via as gravuras de peixes abissais publicadas na edição de 1969 da formidável enciclopédia *Conhecer*¹². Deleitava-me com os "seres abissais" de *National Kid*, bem como os monstros submarinos dos desenhos de *Moby Dick*¹³, do seriado *Viagem ao Fundo do Mar*¹⁴ e daqueles antigos filmes *trash*. A partir da adolescência, mergulhei nas profundezas dos oceanos através dos vídeos de Jacques Cousteau, livros da série *Prisma*¹⁵ e documentários afins.

Segundo o meu entender, se as primeiras impressões de um garotinho ao pisar na areia e chapinhar pela água forem positivas, ele jamais se esquecerá do mar. E, rever o litoral - ainda que através de uma simples fotografia -, sempre despertará algo de bom. É como eu digo: o mar é o mar. E isso explica tudo.

¹² Abril S.A. - Cultural e Industrial.

¹³ *Moby Dick and the Mighty Mightor*, Hanna-Barbera, 1967.

¹⁴ *Voyage to the Bottom of the Sea*, Irwin Allen, 1964/1967.

¹⁵ Edições Melhoramentos.



Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Yahoo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianocomocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com